

**DAS
VERDADES E
MENTIRAS QUE
SE QUER
CONTAR IV**

— CONTOS —



**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER
CONTAR IV**

**ORGANIZAÇÃO:
KATIA CRISTINA SCHUHMAN ZILIO
EDIÇÃO:
TIAGO CASSUL PEREIRA**

Colégio Maria Imaculada

Direção:

Raquel Barbosa Rocha

Coordenação Pedagógico Educacional:

Karine Rosa

Nadia Tescke

Coordenação de Pastoral:

Elaine Cristina Bastos Medeiros

Coordenação de Esportes e Informática:

Raquel Barbosa Rocha

Secretaria:

Mariza Aparecida Bortolini

Tesouraria:

Mariza de Godoy Gomes

Recepção:

Karoline Fontes

Mecanografia:

Bruna Bastos

Informática:

Tiago Cassul Pereira

Sumário

01. FLORES DE IPÊ / 6
02. SINAIS DE OUTRORA / 8
03. AMOR, SONHO OU PESADELO? / 9
04. FRONTEIRAS DO AMOR / 16
05. DEMÔNIOS / 18
06. TRÊS ANOS DE ISTÉRIO / 19
07. MEDO DA NOITE / 22
08. RESQUÍCIOS DA MADRUGADA / 24
09. APARTAMENTO ASSOMBRADO? / 29
10. AMOR CÔMODO / 34
11. O AMOR QUE ATRAVESSA GERAÇÕES / 36
12. O VERMELHO DO ARQUITETO / 38
13. A MORTE PEDE CARONA / 41
14. OBSERVADA / 45
15. DE MENINO SONHADOR A LAÇADOR FAZENDEIRO / 48
16. UMA TRISTE HISTÓRIA DE AMOR / 51
17. PESADELO SEM FIM / 53
18. DA RIQUEZA À ESCÓRIA DO MUNDO / 55
19. ENCONTRO IMPOSSÍVEL / 60
20. O CASO DAS 20 MULHERES / 63
21. NOITE DE PAIXÃO / 69
22. MOMENTOS / 71
23. UM CURTO RELATO DE INVERNO / 78
24. SUPERAÇÃO / 82
25. O DIA EM QUE EU MORRI / 87
26. UM CRIME, UMA VINGANÇA / 90
27. VALEU A PENA? / 95
28. JULHO GELADO / 98

Prefácio

Nossa geração está passando por um momento único, em que nos afastar tornou-se a única solução para frear uma pandemia global, cada um, a sua maneira, acasulou-se para passar esse momento de metamorfose mundial.

Sem abraços, sem o toque, sem a reunião, sem festividades e tudo aquilo que nos fazia sentir humanos em nossas relações cotidianas, obrigou-nos a migrar para tudo o que, mesmo a distância, conectasse-nos ao mundo real. Começamos a degustar outras ciências e áreas inexploradas por nossos sentidos acanhados: culinária, jardinagem, artesanato, ginástica, leitura e, principalmente, a escrita.

De todos esses novos dons que descobrimos, saliento que a válvula de escape primordial foi a escrita, por meio da libertação de todos os sentimentos guardados no interior de cada um e passados para o “papel”, sendo esse representado por notebooks e smartphones.

Nesse contexto enigmático, surge o quarto volume do livro “Das Verdades e Mentiras Que Se Quer Contar”, que foi projetado em um momento de introspecção mais profunda de cada aluno do “Colégio Maria Imaculada”. A tutora, Professora Katia Zilio, coordenou a distância zelosamente cada conto escrito por seus pupilos, resultando em um magnífico trabalho.

O livro que lhes apresento traz devaneios da alma, inverdades, desventuras, paixão, amor, medo, drama, ficção, assassinato... Ele se passa em todas as estações e em todos os cantos do mundo, ele muda de dimensão, de século, contém o cheiro das flores, o tique-taque do relógio, e, o mais importante, ele contém um pouco de cada autor em sua particularidade e sentimento.

Isso tudo mostra que a escrita e a leitura podem nos transportar para todos os lugares, fomentar nossa criatividade, imaginação, criar tensão e nos transmitir anseios e desejos, através delas podemos construir reinos e destruí-los porque somos criadores em nossas próprias histórias, existe sempre um lado positivo em tudo que passamos e uma lição sempre fica: Agora, resta-nos sair de nossos casulos numa metamorfose jamais vista.

Marcelo Petris, poeta.

Flores de ipê

Ana Júlia Barbosa

Olá, me chamo Amália, uma jovem com seus 23 anos, acabo de me formar em publicidade e propaganda.

Consegui um emprego na empresa onde fiz meus estágios, empresa essa com grande influência nacional, quando recebi a proposta achei que mais um dos meus sonhos estava se realizando, porém creio que me enganei..

Minha rotina começou ficou cheia de responsabilidades, parecia uma bola de neve prestes a virar uma avalanche.

Após um dia de trabalho intenso, estressada e de mal com a vida resolvi visitar um antigo parque cheio de ipês rosa que frequentava quando criança. Meu avô sempre me levava ao parque aos domingos, brincávamos muito, toda vez parecia a primeira flor. Lá tive as melhores lembranças da minha infância. Então para lembrar os tempos de infância quando não me preocupava com tanto, fui ao parque, para relaxar e ler um pouco. Tirar um tempo para mim.

Esse parque era como aqueles lugares que a gente encontra fotos na internet que é tão bonito que chega ser difícil acreditar que existe de verdade. O parque tinha um caminho com arvores de ipê rosa. Na primavera, aquele lugar parecia o próprio céu, era lindo demais. No verão, o pôr do sol é a coisa mais linda de se ver no parque, as flores e o sol formam uma combinação perfeita.

O local estava quase deserto quando me sentei para ler embaixo de um dos lindos ipês. Cansada da rotina desgastante do trabalho, sobrecarregada, me sinto extremamente mal humorada, ranzinza e às vezes de mal com a vida. Quando estava distraída, fui pega de surpresa por uma menininha cansada e ofegante que chegou perto de mim, exausta de tanto brincar. Ela parou na minha frente, cabeça baixa, e disse cheia de entusiasmo:

- Veja o que encontrei caída no chão!

Na sua mão uma flor que estava murcha e com pétalas caídas... Querendo me livrar da menina e de sua flor, fingi um falso sorriso e me virei, Mas ao invés de se afastar, ela se sentou ao meu lado, levou a flor ao nariz e falou com grande surpresa:

- Meu Deus, o cheiro disso é muito bom, olha, e é bonita também... Por isso a peguei. Por favor, pegue, agora é sua.

A flor na minha frente estava morrendo. Não tinha cores vibrantes como rosa ou amarelo, mas eu sabia que tinha que aceitar, ou ela jamais sairia de lá. Então apenas me estendi para pegá-la e respondi:

- Era exatamente o que eu precisava... Mais uma vez com um sorriso um pouco forçado no rosto.

Porém, ao invés de dar a flor na minha mão, ela segurou no ar sem qualquer razão. No mesmo instante notei, que a menininha era cega, e que não podia ver o que tinha nas mãos.

Senti minha voz tremer, minhas lágrimas despontaram ao sol, enquanto eu a agradecia por escolher a melhor flor daquele jardim.

- De nada... - respondeu com o sorriso mais sincero que já vi em minha vida.

Ela então voltou a brincar sem perceber o impacto que teve em meu dia. Sentei e comecei a pensar, ela conseguiu enxergar uma mulher auto piedosa sob um ipê, ela sabia do meu sofrimento e cansaço? Talvez ela tenha sido abençoada com a verdadeira visão.

Através dos olhos de uma criança cega, finalmente entendi que o problema era eu. E por todos os momentos em que eu mesmo fui cega e arrisco dizer também covarde, em estar ranzinza com a vida, agradei por ver a beleza da flor e apreciar cada segundo que é só meu.

Peguei aquela flor e aproximei do meu nariz, senti sua fragrância e sorri enquanto via aquela garota com outra flor em suas mãos pronta para mudar a vida de um senhor de idade...

O coração enxerga coisas muito mais valiosas que os olhos...

Sinais de outrora

Ana Luiza Prestes Xavier

Era uma noite quente, abafada, e Maya caminhava em direção ao pub que costumava frequentar, buscando um alívio momentâneo, companhia que não fosse a sua própria ou talvez apenas o conforto de estar em meio à conhecida bagunça organizada, ela não saberia dizer qual era o real motivo. Quando chegou ao seu destino, deixou-se impressionar mais uma vez com o lugar tão conhecido: tão esteticamente prazeroso que poderia se passar por algum restaurante frequentado apenas por aqueles da mais alta classe, porém muito mais convidativo, o lugar era perfeito aos olhos da jovem. Quando frequentava o pub sozinha – na maioria das vezes – ela gostava de sentar em um canto e observar o ambiente, ouvir as conversas sem prestar atenção em uma palavra sequer, e então se perder em seus devaneios.

Desta vez não foi diferente, Maya observava tudo com curiosidade. Através do filtro de seus olhos, cada parte daquilo era arte, e seria eufemismo dizer que a garota apenas apreciava a arte, ela vivia disso – literal e figurativamente.

O foco da noite era um casal que estava por perto. Os olhos da mulher brilhavam de forma descontraída enquanto ela falava sobre algo com seu parceiro, que se inclinava levemente em sua direção. Tantos sinais de atração mútua, tão meloso, que Maya sentiu-se como uma convidada indesejada, decidiu virar o olhar e pensar em outra coisa, mas foi notada pelo casal e logo foi convidada a juntar-se a eles - então o fez.

Entre bebidas e conversas desinteressantes, a conversa se estendeu...

Já na volta para casa, encontrou-se lembrando suas paixões passadas, ou talvez vícios seja uma palavra melhor para descrever suas relações. Lembrou os tempos em que era uma verdadeira mulher da vida, pulando de relacionamento em relacionamento à procura de nada em específico, tomava para si o que viesse, fosse confiança, prazer, empatia, uma fonte de elogios, o sentimento de ser desejada.

Vícios, nunca passariam disso, não importava o quanto tentasse. Afinal a única donzela merecedora de seu amor verdadeiro... Sua musa inspiradora não estava mais neste mundo...

Contar sobre isso doía demais... Quem sabe outro dia, em outra história!

Amor, sonho ou pesadelo?

Ana Vitória Moraes

Acordo pela manhã e, como meu quarto fica no sótão da casa, o sol vem em meu rosto raiando pela janela. Era um domingo como qualquer outro, só que eu não sabia o que me esperava naquele dia. Levanto-me, tomo meu chá de laranja de sempre, então vou passear como faço todos os domingos, para observar os lugares e as paisagens, coisa que amo fazer, tanto que estou me formando em arquitetura. Visto minha jaqueta de parka já que está um frio muito rigoroso, pois é inverno na pequena cidade onde moro.

Assim que saio de casa me despeço de minha avó e digo que vou voltar logo, ela diz “até logo, Catarina”, calço minhas botas e vou pisando na neve branquinha e macia da rua, vou por entre estradas até chegar ao ponto favorito onde enxergo a cidade toda. Observo então as casas de estilo rústico cobertas de neve no telhado ao sul; ao leste, já há casas mais clássicas; bem ao norte ficam os prédios, todos muito modernos e, no oeste, as casas de estilo contemporâneo, isso é um dos motivos por eu amar esta cidade.

Estou sentada no banco em que sempre fico, desta vez olhando as montanhas bem ao fundo quase que escondidas atrás das casas e prédios e, de repente, senta um rapaz ao meu lado, ele é alto, com o cabelo liso meio comprido escuro, com os olhos castanhos claros. Ele olha fixamente em meus olhos e me diz um oi com um sorriso no rosto ao mesmo tempo, e eu o respondo normalmente com um sorriso também. Eu não costumo falar com estranho, mas ele me chamou atenção.

Ele então começa a conversar comigo como se já nos conhecêssemos e me conta sobre um sonho que teve na noite passada: sonhou que corria na escuridão de alguém muito rápido e ia parar naquele lugar muito no alto e não tinha como escapar a não ser pular, e eu fiquei calada pensando o que falar já que é um estranho e nunca conversamos antes.

E continuou comentando que nunca sai de casa e acabou de se mudar para essa cidade, ele percebeu meu silêncio e pediu desculpas falando que precisava contar para alguém sobre o sonho e que eu fui a primeira pessoa que ele tinha visto naquele dia. Então se apresentou dizendo que era Ricky e perguntou meu nome e um pouco sobre minha vida, eu falei que era Catarina, e que morava com minha avó

desde pequena, pois meus pais viviam viajando por isso tinha pouco contato com eles. Continuamos a conversar por horas, quando olho para o relógio e me dou conta que tenho que ir, me despeço às pressas, digo até logo e saio correndo, ele fala algo do tipo até outro dia ou me deixe seu contato, mas estou desatenta preocupada em chegar logo em casa e não o escuto.

Chego em casa com a respiração afobada já que estava correndo e minha avó pergunta se está tudo bem e porque demorei, sento-me ao lado dela na cadeira de balanço, respiro um pouco e começo a contar tudo o que aconteceu, falo que conheci um rapaz naquele meu lugar preferido da cidade e ficamos conversando por horas e que por isso perdi a noção do tempo, comentei que ele me contou quase toda a história de sua vida, que muito pequeno era perseguido por “monstros” e que tinha muito medo e parece que essas assombrações do passado começaram a atormentá-lo agora e que se mudou para cá há pouco tempo para que justamente conseguisse fugir disso.

Minha avó então fica surpresa com o que aconteceu comigo e contou a história de como conheceu meu avô, que foi muito semelhante, era um final de tarde de outono e ele (meu avô) apareceu de repente e disse que foram se conhecendo até que ele a pediu em casamento. Foram muito felizes até a velhice, quando meu avô morreu pelas doenças da idade.

Minha avó então me manda ir tomar um banho quente e dormir para descansar, ainda me aconselha a voltar lá todos os dias, porque o destino pode me reservar grandes surpresas, eu apenas concordei e fui fazer o que ela me mandara.

Acordo no outro dia cedo, visto-me e decido voltar lá. Chegando ao lugar, no mesmo banco, para minha surpresa, Ricky está lá me esperando com um café e um chá de laranja, sorrio espontaneamente, sento-me ao lado dele e começo a contar para ele porque gosto daquele lugar, que é devido ao que se pode observar de lá do alto e ele diz que o que mais gosta de lá é da minha companhia, e de novo ficamos horas conversando, desta vez sem pressa, até que chega a hora de irmos, e marcamos para nos encontrarmos novamente no outro dia.

Todos os dias eu conto para minha avó o que acontece comigo, e esses dias não foram diferentes, sempre falo, compartilho tudo com ela, além de avó ela é minha melhor amiga.

Continuo a ir lá todos os dias, acho que nesse processo nos apaixonamos, parece muito recíproco o que sentimos, queria poder falar que o amo, mas me falta coragem para dizer essas pequenas palavras que podem mudar tudo.

Faz exatamente um mês que estamos nos conhecendo melhor, estamos muito próximos e sempre nos encontrando no mesmo lugar, eu pergunto se ele pode ir até minha casa conhecer minha avó, digo que ela vai adorá-lo, pois é muito simpático, ele se mostra feliz e responde que sim, então marcamos um almoço para o dia seguinte em minha casa.

Chego muito feliz, chamando minha avó, abro a porta que é de madeira, entro, fecho e assim que me viro vejo meus pais na sala me esperando, mudo de humor rapidamente, fico surpresa, vou abraçá-los e eles perguntam se estou bem e digo que sim, pergunto porque eles vieram sem avisar e minha avó vem da cozinha, ficamos nos encarando com olhares perdidos e então vamos conversar.

Sentados no sofá diante a lareira, meus pais me falam que tenho que ir com eles para Paris, para que possamos fazer uma viagem juntos, “em família”, como se isso fosse algo importante para eles, respondo rapidamente que não. Eles dizem que é para passar de um a dois meses juntos, no máximo três, rio debochando deles, me irrita e subo para o quarto. Eu deveria ficar feliz por vê-los, na verdade eu estava até eles falarem sobre a viagem, mas me irrita pelo fato deles aparecerem assim dessa forma.

Logo após minha mãe vai até meu quarto conversar com mais calma, eu ainda estou brava, mas ela me acalma, e tenta me convencer, então digo que não posso deixar vovó sozinha, ela responde que se esse for o problema podemos levá-la junto, mas não é só esse o problema, conto então sobre Ricky.

Minha mãe se surpreende e grita meu nome “Catarina” e diz que não posso ficar por um garoto. Começamos a discutir até que meu pai e minha avó aparecem no quarto e nos acalmamos, ela conta sobre o problema e meu pai também discorda, minha avó fica do meu lado, ela me apoia em tudo, sentamos civilizadamente de novo e chegamos a um acordo, claro que graças a minha avó, e digo que ele virá almoçar conosco e, de novo, acaba a calmaria, até que tudo passa e vou dormir preocupada.

Amanhece, tomamos café em família e começamos a preparar o almoço, meus pais ainda não aceitam a ideia. Até que Ricky chega, no primeiro momento

fica um clima muito tenso com trocas de olhares, começam as perguntas sobre a vida de Ricky, ele conta que não mora com sua família, mas sim, sozinho e sempre os visita, pois eles não moram muito longe daqui. De novo permanece um silêncio, de repente proponho Ricky ir junto conosco para Paris. Meus pais não concordaram de primeira, começamos a discutir novamente e minha mãe me chama para conversar em outro lugar, jogo os talheres na mesa e vou. Chegando à sala ela começa a falar e brigar comigo, como que eles vão levar um garoto que não conhecem junto, então digo que eu o conheço e para ela dar uma chance, depois de muita conversa e discussão finalmente chegamos a um acordo de que ele pode ir junto conosco e voltamos à mesa.

Meus pais falaram na faculdade que vou faltar três meses e Ricky pediu demissão do seu trabalho (que ele não gosta muito) para irmos. Passa-se uma semana exatamente e vamos para o aeroporto para a grande vigem, eu, minha avó, Ricky e meus pais, a viagem é longa e finalmente chegamos, é muito bom passar cada minuto ao lado deles. Assim que chegamos vamos comer, fazemos um tour pela cidade, visitamos o Arco do Triunfo, a Catedral Notre-Dame e o Museu de Louvre, depois vamos para o hotel.

No outro dia percebo Ricky meio estranho e vamos passear só nós dois, chegamos ao maior ponto turístico de toda a França, e diante da Torre Eiffel estamos muito felizes e damos um beijo apaixonado. Isso nem parece real, e sim um filme de romance, tivemos um dia incrível nesse lugar, fizemos um piquenique, tiramos fotos e foi um momento muito bom em que nos esquecemos de todo o resto. Depois de tudo fomos jantar em família.

Eu acho que estou passando os dias mais felizes de minha vida, exceto pelo fato de Ricky estar estranho ultimamente. Pergunto se está tudo bem e ele diz que está tendo aqueles sonhos de perseguição, que alguém corre atrás dele e que não consegue escapar novamente e está com muito medo do que pode ser isso, ele diz que comigo se sente mais seguro e eu o consolo em um abraço dizendo que vai dar tudo certo.

Logo depois, meus pais me chamam no quarto para conversarmos e eles então me avisam que um imprevisto aconteceu e teremos que ir para Londres durante uns dias, fico feliz para visitar mais lugares, eu vivi parte de minha vida

nessa cidade e então minha mãe fala para eu conversar com Ricky sobre o que me espera por lá, com isso fico nervosa, mas sei que tenho que enfrentar isso.

Vou até onde Ricky está e começo a falar que tenho algo importante para contar, digo então que teremos de ir para Londres, ele acha incrível, mas então falo que tenho um amigo lá, mais especificamente meu melhor amigo de infância Larry, pois morei um tempo em Londres quando pequena, ele ficou um pouco irritado por não ter contado nada antes, mas eu não tinha achado necessário. Não compreendo a irritação, mas ele diz que tem que sair para esfriar a cabeça um pouco. Eu fico preocupada e mesmo assim ele vai, mas digo para voltar logo e não demorar.

Vou conversar com minha avó sobre tudo o que está acontecendo, ela me pergunta sobre a viagem eu digo que estou amando ainda mais pelo fato de estar com ela, com meus pais (estamos nos aproximando mais), e Ricky também, mas ele está estranho, meio preocupado devido aos pesadelos de perseguição que ele está tendo, com suas atitudes e olhares acaba ficando um pouco distante, não parece o mesmo que conheci há dois meses, mas entendo o motivo e, mesmo assim, minha avó me diz para ter paciência e esperar.

Ela me pergunta também como me sinto com o fato de ter que voltar para Londres e reencontrar Larry, eu digo que estou feliz, mas um pouco preocupada, nós éramos inseparáveis, nos amamos e o vejo como um irmão que posso contar para tudo, espero que ele também me veja assim, minha avó então ri e me dá boa noite, dou um beijo em sua testa e vou dormir.

Quando volto Ricky está na varanda observando o movimento, olhando tudo o que se passa, chego ao lado dele de fininho e ele se assusta, eu rio da situação e começamos a conversar, de repente ele muda de humor, pergunto o porquê e ele diz que teve uma lembrança ruim e pede para ficar sozinho, então eu fico desapontada e saio.

No outro dia, embarcamos para Londres. Chegando, vamos para o hotel, deixamos as malas e tomamos o rumo da casa de Larry e sua família. Chegando lá Larry está diferente, já que faz mais de quinze anos que não nos vemos, seus olhos estão um verde mais ressaltado, abre um sorriso espontâneo e enche seus olhos de lágrimas de tanta felicidade em me ver. E eu sorrio também e nos abraçamos por muito tempo, minha cabeça alcança em seu ombro, ele está muito alto, foi um sentimento que não sei explicar, de tanta felicidade.

Ricky, é claro, não gostou nada do que viu, tinha cumprimentado a todos e sai para fora bravo, vou atrás dele e temos nossa primeira discussão, mas eu contei que somos amigos desde infância e fazia tempo que não nos víamos, não tinha motivo para ele ficar daquela forma, seus olhos pareciam estar pegando fogo de tanta raiva, ele virou de forma rápida muito agressivo, Larry apareceu bem na hora e Ricky disse que ia voltar para o hotel, pois não queria fazer nada de pior.

Ele sai, Larry e eu vamos para dentro de sua casa conversar, e eu falo a ele como o conheci e que estávamos namorando há algum tempo. Ele não pareceu muito feliz (deve ter sido porque quando tínhamos doze anos, que eu fui embora, na despedida falamos que quando crescêssemos íamos nos casar, mas eu realmente não esperava que ele ia levar isso a sério), e eu ainda continuei falando, disse que Ricky passava uma sensação de algo obscuro, e ficou triste claramente, mas não disse. Então falou para trocarmos de assunto, e me contou que foi aprovado em Oxford e estava quase se formando, fiquei muito feliz por ele, ficamos conversando, colocando os assuntos em dia. Começamos a relembrar nossa infância de tudo que já aprontamos, rimos muito, depois nos despedimos e eu e minha família voltamos para o hotel.

Chegando lá encontro Ricky, ele está agressivo e com a mente perturbada, com medo me aproximo, ele me abraça e começa a chorar desesperadamente com medo dos monstros que o perseguem, e acha que comigo as coisas estão piorando e diz que não aguenta mais essas assombrações e eu digo que, de alguma forma, vou ajudá-lo e o acalmo.

Vamos dormir e eu começo a pensar que não estou sentindo o mesmo que antes, será que ele não era aquela pessoa que se mostrava ser? Mas eu tenho que ajudá-lo. Alguns dias se passaram e tudo continuou a mesma coisa, entrei em contato com pessoas especializadas em pesadelos, sonhos, assombrações e médiuns. Ricky fez uma sessão mediúnica e encontramos o problema: uma alma do passado faz a parte do mal se revelar e se isso for resolvido ele terá uma vida normal, mas, infelizmente, a única solução é fazer ele virar uma alma também, para se acertarem no submundo.

Passaram-se três meses de quando viajamos, passamos por tudo isso, visitamos os lugares, tivemos momentos, na maior parte, felizes, porém chegou a

hora de ir para casa e voltamos para nossa cidade, eu, minha avó e Ricky nos despedimos de meus pais e de Larry e ele disse que quando puder irá nos visitar.

Ricky se despede e vai para seu apartamento, já é tarde da noite, arrumamos as coisas e vamos dormir. No outro dia está chovendo, acordo para me encontrar com Ricky, pego minhas botas, o guarda-chuva e vou caminhando, durante o caminho sinto as gotas da chuva caindo e um cheiro de madeira molhada, vou pisando por onde tem mais pedras e no meio da chuva passa um estranho por mim, parece obscuro, me encara com um olhar frio, que parecia um tiro no peito e sinto um medo, e finalmente chego ao apartamento de Ricky, ele está estranho, ficamos lá até anoitecer e decidimos ir ao ponto alto da cidade para observarmos a noite, pois sempre nos sentimos bem lá.

Assim que chegamos, parou a chuva e começou a nevar, sentamos no banco, um ar estranho parecia pairar, vemos um vulto, parecia ser aquele mesmo homem que vi pela manhã e conto para Ricky, ele diz que é exatamente aquela alma que o persegue e é estranho que eu consiga o ver também. Decidimos ir até a ponta do elevador, mais na beirada daquele lugar alto, para observar tudo melhor, nos abraçamos sorrindo e, de repente, só sinto Ricky caindo em meus braços se ajoelhando na neve que cobre todo o chão. Vejo sangue, era um tiro pelas costas e eu grito desesperadamente. Aquele homem some, ligo rapidamente para a ambulância, estou em prantos, chorando, gritando e sem saber o que fazer com ele em meus braços, a ambulância chega e já não há nenhum sinal de vida eu me desespero mais.

E Larry aparece chega lá e me abraça, ele iria fazer uma surpresa para mim e não tinha avisado, minha avó falou para ele onde eu estaria. Choro vendo o corpo de Ricky sendo levado e não sei o que fazer, Larry tenta me consolar.

Em casa, minha avó está sentada na sua cadeira de balanço diante da lareira, e eu em prantos ainda corro até seu colo, deito minha cabeça em seu ombro, permanece um silêncio na sala, só há o barulho da lenha na lareira. Deixo minhas lágrimas escorrerem até chegar a ela e as senti-las, e ainda permanece o silêncio.

Não sei como irá ser daqui pra frente, mas Ricky nunca mais vai voltar, ele morreu e eu não sei o que vou fazer, mas tenho minha avó que sempre está do meu lado, meus pais, e Larry que agora vai ficar por aqui comigo e me ajudar, eu não sei o que mais me espera.

Fronteiras do Amor

Caio Moreira de Carvalho

Portwey era uma cidade pequena localizada a oeste da Região Nórdica, nela vivia um jovem filho do ferreiro da cidade chamado Thomas cujo maior sonho, desde a infância, era se tornar parte do exército. Nessa cidade, quase todos os moradores se conheciam e faziam, de mês em mês, uma festança para todos que ali viviam até mesmo o Rei Oliver que era considerado um homem muito duro.

Todos os jovens de Portwey tinham o sonho de se casar com a filha do Rei a Princesa Liz que era uma jovem muito bela com seus cabelos ruivos e uma pele clara igual à neve. Raramente Liz era vista fora do castelo tornando assim, a festa anual dos moradores, a ocasião perfeita para todos esses jovens apaixonados que em Portwey viviam para conhecê-la.

Foi nesta festa de moradores que ocorreu o primeiro encontro entre Liz e Thomas, durante uma das primeiras danças foi quando ela, em meio àquela multidão, olhou para Thomas um jovem que mesmo sendo filho do ferreiro mostrava ser elegante, Thomas quase sem perceber retribuiu esse olhar.

Mais tarde na festa a banda começou a tocar valsas, embora muitos jovens almejassem dançar com Liz quem foi o primeiro a convidá-la? Thomas. Mal começaram a dançar e já pareciam inseparáveis como se fossem feitos um para o outro, mas essas ações logo chamaram uma atenção indesejada.

O Rei não ficou nem um pouco contente quando viu como ambos trocavam olhares. Uma conversa com o Pai de Thomas seria necessária.

Quando o Rei e seus guardas bateram à casa, o pai de Thomas contou ao Rei sobre o sonho do filho de entrar para o exército. Logo, de imediato, o Rei disse que o rapaz entraria para o exército e que iria para a academia militar que ficava em uma vila ao norte da cidade.

Mesmo se tratando de seu grande sonho Thomas relutou sobre a decisão de ir para a academia militar, pois ele queria ficar junto de Liz e passaria muitos meses sem vê-la caso fosse para o norte. Seu pai o pressionou muito para seguir o seu sonho da carreira militar e ele foi. Após uma despedida intensa, com muitas lágrimas de Liz, Thomas seguiu seu caminho.

Foi uma longa jornada a cavalo, Thomas chega à academia militar onde não é bem recebido, pois certamente o rei queria castigá-lo. Nos primeiros dias foi difícil

para Thomas se acostumar com a rotina de exercícios físicos e entender as formações do exército.

Logo de imediato o Rei Oliver tratou de entrar em contato com os Reis de algumas cidades vizinhas e também de outras nações oferecendo a mão de sua filha para assim tentar garantir um futuro para ela entre a nobreza. Liz não ficou nada contente com essas atitudes do pai e foi relutante desde o começo e não quis se envolver com alguém que não fosse Thomas.

Após muitos preparativos o Rei Oliver realiza uma festa na cidade com uma grande cerimônia para aceitar o pedido de casamento de sua filha com o filho do Rei de um reino muito longe chamada de Westfor. A festa foi uma completa vergonha para o Rei Oliver, pois Liz negou o “pedido” de casamento e ainda agrediu o filho do Rei de Westfor que ficou enfurecido.

Após o incidente o Rei de Westfor bravo por ter de viajar de tão longe para tamanha decepção decide travar uma guerra com a cidade Portwey. Após dias de viagem, chegam à cidade os soldados de Westfor, quem é destacado para defender a cidade são os soldados da Academia Militar, incluindo, Thomas.

Thomas chegou à cidade sem intenção nenhuma de cumprir as ordens do Rei, logo que chegou, já tratou de fugir do combate. Ele procurou em todos os cantos e finalmente encontrou Liz fugindo da cidade junto ao povo.

Thomas e Liz pegam um cavalo e fogem para muito longe, pouco se sabe o que aconteceu com os dois. Possivelmente fugiram para o sul onde se casaram e tiveram uma vida sem interferências do Rei Oliver que morreu quando a cidade foi invadida e tomada.

Demônios

Caíque Israel Gatner Andrade

Era no ano de 2504. Um ano de guerras quando todos estavam contra todos. Durante essa guerra muitas pessoas morreram. Homens, mulheres e crianças. Essa guerra aconteceu no Brasil, e aconteceu pelo fato de que a justiça não estava sendo cumprida, então o povo se revoltou e com a ajuda de criminosos e pessoas com o porte de arma ilegal essa guerra começou rápido. O governo teve de tomar providências drásticas chamando o Exército Brasileiro.

Com a chegada do Exército, o povo começou a atacar com suas armas, e o governo ordenou que o exército revidasse. A guerra durou dois anos.

Muitos que sobreviveram ficaram loucos, pois as imagens das pessoas morrendo e do desespero por que passaram ficava repassando em suas mentes.

Mas havia um homem em específico que todos conheciam e temiam porque ele era o capitão de um dos pelotões mais poderosos e fortes do exército. Ele era um homem forte, mas era cheio de angústia e tristeza, pois em meio a guerra sua mulher e filhas morreram pelas bombas.

Seu nome era César Augusto, mas todos o chamavam de capitão César.

Ele foi até médicos e psiquiatras para ver se conseguiam ajudá-lo, ele contou aos doutores que sonhava com sua mulher e filhas mortas e disse que elas pareciam demônios. A verdade é que não era sua mulher e suas filhas eram demônios se passando por elas e esses demônios o perturbavam em seus sonhos. Ele tentava ficar acordado ao máximo para não ver o rosto de sua família.

Ao passar do tempo César começou a vê-los quando estava acordado, e ele pediu e implorou para que o deixassem em paz. A única maneira de deixá-lo em paz era se ele matasse pessoas e se suicidasse depois. Assim como os demônios fizeram, ele também fez.

A arma escolhida foi um gancho de metal, porque era uma arma que encaixava perfeitamente em sua grande mão. César matou mais de 10 pessoas em uma única noite. Elas foram estripadas e desmembradas também, mas a pior parte foi que quando o encontraram, ele também estava em pedaços, e com o braço que não foi arrancado ele escreveu uma palavra no chão com seu próprio sangue, DEMÔNIOS.

Três anos de mistério

Camila Stockmann Ribeiro

Ana era uma velha viúva, beirando seus 83 anos, era muito conhecida em sua cidade, chamada Flor do Sertão, por ser uma das moradoras mais antigas da localidade.

Sua casa era de madeira envelhecida com ripas tortas, despregadas que havia sido construída quando ela se casou com seu marido, Pedro, anos antes do falecimento dele. Ela estava sempre rodeada de 4 gatos e às vezes alguns a mais que vinham dos vizinhos.

Seu filho Carlos morava no fundo do terreno com Rose e seus 2 filhos, quase nem visitavam a velha por conta de sua rotina corrida. Somente se cumprimentavam quando estavam de saída para o trabalho. Quem a via com frequência era seu vizinho da esquerda, Júlio, um senhor viúvo, aposentado e sozinho que sempre tomava café com ela.

Os muros baixos de seu lote faziam com que Ana conseguisse ver todos os seus vizinhos e o que cada um estava fazendo, sempre quando ela saía, às 9 horas para dar uma caminhada pela sua horta. Tentava não bisbilhotar, mas era difícil, pois havia alguns vizinhos que a assustavam com algumas atitudes estranhas e violentas.

A Silvia era sua vizinha da direita, uma mãe solteira por volta de uns 48 anos de idade, com olheiras, cheia de rugas e um olhar estranho. Todo dia, no mesmo horário, sempre após bater em algum de seus filhos por algum motivo fútil, entrava no porão que ia por fora da casa, olhava ao seu redor de forma desconfiada para ter certeza de que estava tudo certo. Sobre a Silvia, Ana só sabia que ela se encontrava com um homem que ninguém sabia quem era, uma fofoca constante no bairro.

Ana, após sua caminhada diária, que demorava cerca de 30 minutos, tinha que entrar em casa, pois o filho do seu vizinho da frente sempre chegava nesse horário, extremamente agressivo após ter passado uma noite em vários festejos fazendo o uso de entorpecentes, ela ficava receosa com medo de que ele invadisse sua casa, como ele já havia feito com moradores mais distantes.

No dia 23 de maio, toda essa rotina mudou, pois o vizinho Júlio percebeu que não tinha visto ela caminhar como todo dia, às 9 horas e a casa ainda se mantinha fechada, como ela fazia quando o filho do vizinho chegava. Bateu na porta, que

normalmente estava aberta e ela não abriu. Foi até a casa de Carlos no fundo do lote ver se ele estava em casa e nada.

Júlio lembrou que ela sempre colocava uma chave reserva embaixo do tapete, que ficava em frente da porta de sua casa e se abaixou para pegar, quando percebeu que em cima do tapete havia gotas de sangue. Seguindo rastro até o fim da parede da casa, com mais pressa pegou a chave que ainda estava lá e abriu a porta.

Ana estava lá, no chão, sem nenhum sinal de vida, marcas de arranhões que pareciam ser de gato, hematomas pelo corpo aparentavam que havia levado vários socos e, além disso havia cortes de faca.

Júlio verificou se o coração de Ana ainda batia. Tonto e perdendo a visão, pegou seu celular antigo que ainda tinha o uso de botões e, com sangue em suas mãos, ligou, sem ver direito para qualquer número de emergência de seu celular. No momento em que a ligação foi completada, Júlio desmaiou e só acordou no hospital, com a notícia de que Ana estava morta.

Após alguns meses, a polícia ainda estava investigando o que havia acontecido com Ana. O maior suspeito era o filho do vizinho que estava preso provisoriamente. Uma das provas que levava a ele era um fio de cabelo escuro encontrado na cena do crime. A cidade estava ainda inconformada com o que havia acontecido, todos amavam Ana, seria ele mesmo o assassino?

Passado exatamente um ano, a vizinha de Ana, Silvia, é encontrada morta da mesma forma: marcas de soco, de unhas e facadas. A única pista era os mesmos fios de cabelos encontrados anteriormente. O filho do vizinho foi solto e mais mistérios surgiram para a população: quem seria o assassino agora? Por que sempre no dia 23 de maio? Por que foram mortas? Qual a relação?

Com isso, todos daquela região aumentaram seus cuidados, pois era uma cidade extremamente calma e, de repente, não era mais seguro morar ali e isso piorou novamente um ano depois.

Carlos, da mesma forma, foi encontrado morto. A polícia estava fazendo as últimas investigações na casa de Silvia, quase arquivando o caso, quando viram Rose saindo de casa vestida com uma blusa manchada de sangue. Quando interrogada, suas respostas saíam com uma voz trêmula, passando a sensação de nervosismo.

Resolveram investigar e, ao entrar na casa perceberam que todas as janelas estavam com as cortinas fechadas. A televisão da sala estava ligada e o ar condicionado funcionava no mais gelado possível. Chegando ao quarto do casal encontraram Carlos morto e prenderam Rose pelo assassinato de Ana, Silvia e Carlos.

No depoimento de Rose, em relação ao assassinato de Ana, ela de maneira calma e sutil falou que queria aumentar sua residência, mas não podia porque sua sogra morava ali e tirava parte do seu terreno com a casa velha e imunda. Rose falou que no dia em que Ana completava um ano de falecimento, não acordou muito bem e resolveu ficar em casa, em sua cama por mais algumas horas. Enviou uma mensagem para Carlos avisando que havia passado mal e não foi trabalhar. Quando levantou-se e foi abrir a grande janela de sua casa que dava para a porta do porão de Silvia, notou Carlos saindo, arrumando as calças, se despedindo dela com um beijo, e indo para o serviço. Após Carlos sair, Rose pegou sua faca na gaveta da cozinha e foi até Silvia para matá-la.

Carlos, três anos após o falecimento de sua mãe, sem acreditar que havia sido o filho da vizinha que havia matado ela, começou a se questionar novamente sobre quem teria feito isso e acabou levantando suspeita que poderia ter sido Rose. Resolveu questioná-la, porém ela negou veementemente e, quando ele encerrou o assunto, e saiu de perto, ela pegou a mesma faca em sua gaveta e matou-o pelas costas.

Rose foi sentenciada a 17 anos de prisão por homicídio doloso de Ana, Silvia e Carlos e foi decidido judicialmente que os filhos do casal iriam para um orfanato que ficava próximo.

Após a sentença, a cidadezinha Flor do Sertão voltou a florir em paz, porém ainda com um sentimento de luto pelos falecidos que faziam parte da história do local.

Medo da Noite

Erik Takahiro Suzuki

Numa noite fria e escura como breu, estava eu, no meu pequeno apartamento, deitado em minha cama, quase dormindo, quando algo chamou minha atenção. Começou como uma estranha sinfonia de latidos de cachorros vindo da rua. Percebi que meu cachorro também latia em direção à janela. Estranhei, mas deduzi que fosse algum pássaro na janela, então, finalmente fui dormir.

No dia seguinte, acordei exausto por ter dormido mal aquela noite. No entanto a vida não para. Tomei um banho, coloquei meu uniforme, preparei meu café e fui ao trabalho. Trabalhava na parte financeira da empresa do meu tio e, como de costume, cheguei ao escritório e abri a planilha dos negócios. Algo parecia diferente no movimento comercial do meu tio naquela semana. Alguns funcionários não apareciam há alguns dias. Não apresentavam atestado, ou alguma justificativa para faltar no serviço, de acordo com a minha planilha.

Todos pareciam ter motivos para não irem mais ao trabalho. Talvez tivessem se cansado dessa vida, e procuravam algo novo. Talvez tivessem gostado de outro lugar e se mudaram sem avisar. Talvez, por causa de uma briga, não queriam mais trabalhar com os mesmos colegas. Porém depois de todo o mistério, meu tio me conta que havia esquecido de me avisar que quatro funcionários pediram demissão.

Depois desse dia, que parecia ser diferente, mas acabou sendo igual a todos os outros, fui para casa, cansado por ter pensado nas inúmeras possibilidades sobre as demissões. Tomei um banho, pedi uma pizza e deitei para descansar um pouco. E, de novo, fui interrompido pela mesma sinfonia de latidos enquanto meu cachorro latia olhando para janela. Então, decidi olhar o que estava chamando atenção dele. Abro a janela, não havia nada, apenas uma queda de 7 andares e 21 metros de altura.

Confuso, mando meu cachorro ir dormir e também volto para a cama. Percebo que havia esquecido a janela aberta então volto para fechá-la, mas antes de conseguir fazer isso, escuto passos. Devia ser o cachorro, penso. Olho para o lado e ele está dormindo. Outra opção é a de alguém andando nos corredores após chegar tarde em casa, mas os barulho dos passos é muito alto para alguém que está lá fora. É como se alguém ou algo tivesse entrado quando abri a janela. Ouço os passos aumentando seu ritmo, como se estivesse correndo, pergunto quem é,

mas o silêncio domina e, quanto mais o tempo passa, mais alto o som dos passos fica. Desesperado, corro para fora do apartamento.

Escolhi descer as escadas para ser mais rápido, mas os passos continuavam, cada vez mais próximos. Corro com todo esforço que tenho. Quando chego ao primeiro andar, tento pedir ajuda, mas não havia ninguém lá. Fui para a lavanderia, entrei, tranquei a porta e me escondi. Havia esquecido o celular e não conseguia pedir ajuda. Os passos se aproximavam, pareciam me procurar. De repente paro de ouvi-los. Olho pra porta e vejo a maçaneta girando e a porta abrindo, então corro pela porta dos fundos.

Saio do prédio aterrorizado. Olho para os lados, não havia nenhum sinal de vida, era muito tarde. Já estava ofegante, cansado de correr, mas não podia parar. Os sons dos passos haviam cessado. Olho para trás e não vejo ninguém. Aliviado sinto alguém agarrando minha mão. Acordo com o cachorro no meu colo, suando frio e aterrorizado, mas agradecendo por todo esse medo ter sido apenas um pesadelo.

E, agora, há um longo dia pela frente no escritório, muita papelada e contas para acertar, mas não consigo esquecer o sonho mais tenebroso que eu já tive, mesmo sabendo que era um pesadelo, ando sempre olhando para os lados, para trás, com medo de alguém estar me seguindo. A parte mais difícil será à noite. Espero não passar por isso de novo.

Já à noite, como de costume, faço minha janta e como junto com meu parceiro, o cachorro. Tomo um banho, escovo os dentes e rezando para não ocorrer nada, vou para minha cama. Ainda com muito medo e tento ter uma boa noite de sono. Sentindo falta do meu cachorro, vou buscá-lo e, estranhamente, ele estava olhando para a janela, porém sei que não podia ser real. Então, deito e fecho meus olhos, até eu escutar uma sinfonia muito estranha de latidos.

Resquícios da Madrugada

Fábio Pereira Sasso

Em sua cidade mais um dia começava, uma longa noite fria se encerrava e amanhecia com a doce luz do sol que batia em seu quarto, próximo das seis horas. Seu despertador tocava com uma música alegre para animar seu dia logo cedo, mesmo quando dormia novamente e o alarme tocava várias vezes. Isso já tinha se tornado uma rotina.

Após isso, abria sua cortina para ver a revigorante luz matinal do sol, limpava seu rosto com água fria e adorava analisar suas feições no espelho, suas espinhas que surgiam dia após dia, juntamente com os pelos ralos e ásperos, que formavam seu fino bigode. Costumava deslizar seus dedos em sua pele apenas para sentir que estava mudando aos poucos, arrumava seu cabelo que sempre estava desorganizado, porém quando ficava arrumado e macio seu melhor passatempo era acariciar seu próprio cabelo.

Tudo isso era apenas o fruto da sua conturbada juventude, com seus plenos dezessete anos, estatura de aproximadamente de um metro e oitenta dois centímetros, ele se imaginava acima das nuvens com seus grandes sonhos. Seu cabelo deslizava ao vento toda vez que decidia sair de casa para conhecer novos lugares e paisagens que o deixassem tranquilo.

Subitamente mudanças ocorreram em sua vida, o menino sonhador que existia dentro de si havia se apagado aos poucos no decorrer desses últimos meses. Passou a ser um menino pensante sobre todas as coisas e, principalmente, o que acontecia, se aquilo realmente estava lhe fazendo algum bem ou era apenas mais uma de suas ilusões criadas para desviar da verdade do que acontecia.

Grandes hipóteses sobre quais medidas iriam ser tomadas a partir das suas possíveis decisões assombravam sua mente a todo instante. Ele sabia a verdade sobre o que estava acontecendo?

Incertezas de deixar algum mal na vida das pessoas o deixavam triste, mas ele tinha conhecimento de que também precisava visar seu próprio bem estar antes que o prejudicado desta história fosse ele mesmo.

Após muitas dúvidas e madrugadas acordado, conseguiu ganhar um pouco de coragem e ligar a adrenalina em seu corpo para, enfim, tomar a grande decisão da sua vida.

Havia agora uma explosão de sentimentos, era o cair da noite, uma chuva serena escorria em seu rosto, juntamente com suas lágrimas que molhava seu calçado velho. Ele pisava friamente sobre o asfalto que recendia o doce cheiro de água após um dia quente, agora estava suave, fresco, escuro e principalmente frio como o clima chuvoso. Os sentimentos de solidão e prazer prevaleciam dentro de seu peito e sua mente conturbada, confusa relembrava tudo que acontecera naquele momento, há poucas horas.

A noite de chuva serena estava propícia para lhe deixar perdido sem saber o que fazer ao certo. Precisava encontrar uma maneira de tirar todos esses sentimentos para fora de si. Como um estalo, momentaneamente, pegou seu celular. Discou o número de seu amigo e, as várias tentativas sem sucesso, foram o suficiente para deixá-lo ainda mais sem rumo do que já estava. Tudo o que ele mais precisava naquele momento era de algo simples, um abraço e alguém para desabafar, guardar todos esses sentimentos não estava lhe fazendo bem.

Ao invés de perder seu tempo tentando ligar novamente para alguém, decidiu encontrar um meio para amenizar todos seus sentimentos. Uma música agradaria seus ouvidos, seu gosto musical variado combinava com a chuva que escorria em seu rosto seguido por suas frágeis lágrimas. O garoto estava sem saber o que fazer, pensava em sua vida enquanto caminhava lentamente sobre o asfalto molhado que ironicamente sincronizava com os suspiros de seu coração e o barulho causado por seus tênis encharcados de água.

O ritmo da música escolhida o acalmou naquele momento e ajudou a saber o que fazer sobre sua vida e encontrar uma saída momentânea. Em seus passos lentos ao cair da noite decidiu finalmente retornar à sua casa.

Quando chegou decidiu tomar um banho quente para esquentar seu frágil corpo, abatido pelo frio. Em seu banho, o gotejo do chuveiro juntamente com o vapor d'água, foram capazes de fazê-lo recordar de todas as lembranças que ocorreram aquela noite.

Após sair do banho, deitou-se e parou para pensar o quanto intenso e cansativo foi este dia, desde quando acordou com seu despertador até agora. Depois de estar deitado, se cobriu com suas suaves cobertas, pegou seu fone de ouvido e ouviu as músicas de seu gosto como era de costume.

Os pensamentos invadiam sua mente. Acontecia um bombardeio de sentimentos em seu coração. Durante a chuva que caía fora de sua janela, ele pensava em todos seus erros e acertos.

No período da madrugada passou a pensar sobre as escolhas que fez, porém o que mais lhe assombrava era o fato de aceitar que uma pessoa importante até então, havia deixado de sê-lo.

Aquela longa noite finalmente tinha acabado. Amanhecia e, como é de rotina, seu despertador tocava mais um dia, acordado o garoto olhava para o teto e pensava como seria seu dia.

Sua rotina continuou a mesma, porém faltava um fragmento no qual estava acostumado a conviver: aquela garota não fazia mais parte do motivo de seus sorrisos. Era difícil para o garoto aceitar o ocorrido, pois no fundo ainda existia um mísero sentimento que se apagava vagarosamente.

Mesmo estando triste o garoto sabia que tinha feito uma escolha cautelosa e difícil ao optar em deixá-la. As coisas que acontecem, sempre tem um bom motivo por trás para serem explicadas.

A sensação de estar sozinho se tornou constante durante um bom tempo, as lembranças de um passado alegre eram inevitáveis. Ele ainda estava preso ao passado. Mesmo com todo o peso que carregava em suas costas também carregava consigo a real verdade de que não valia a pena ficar preso naquele sofrimento no qual estava passando.

Havia muita incerteza e dúvida o que aumentava a sua ansiedade, ficando confuso com suas emoções e principalmente com receio das pessoas, pois sua rotina se tornava cada vez mais solitária repleta de falsos sorrisos, sentimentos e aparências para contentar as pessoas ao seu redor. Esquecendo o principal fator que o seu próprio bem-estar.

Seu coração estava fechado, tinha conhecimento de que guardar toda essa explosão de sentimentos dentro de seu peito não era uma das melhores escolhas a serem feitas, mas mesmo assim ainda continuava insistindo em seu próprio erro. No fundo de seus olhos era possível perceber que alguma coisa ainda o deixava desanimado com tudo. Mesmo com sua escolha de ficar sozinho, era difícil não sentir saudades e compreender o motivo de ainda estar se sentindo deprimido.

Vivendo um dia após o outro, ele sempre esbarrava com a garota em diferentes lugares de sua cidade, era estranho a sensação de vê-la e não lhe dizer um “oi” sequer e até mesmo pensar na intimidade que tinham perdido.

Todas as vezes que isso acontecia o garoto observava friamente como ela estava. Ela aparentava estar ótima sem sua companhia. Talvez ele estava sendo um pouco egocêntrico em pensar apenas em si mesmo, porém sabia que ela estava certa em seguir sua vida.

Buscava abrigo de várias maneiras para amenizar sua ansiedade. Em seu tempo livre caminhava, ouvia música, aproveitava todos os pores do sol ao final da tarde, a linda luz branca que a lua proporcionava, olhava as estrelas e entrava em um mundo paralelo dentro de seus diversos pensamentos sobre a vida no qual só ele era capaz de entender.

Após certo tempo ele se deu conta dos dois extremos que existiam para deixá-lo melhor, primeiramente era deixar sua mente livre de tudo, apenas pensando em nada ou no simples prazer a natureza lhe proporcionavam como a visão das estrelas, da lua, das paisagens verdes, das belas florestas, do pôr do sol, o calmo barulho de água percorrendo sobre as pedras. E de uma maneira totalmente estranha e contraditória, o segundo “extremo” era de que precisava encher sua mente de coisas positivas as quais adorava, como conversar com seus amigos, rir alto, acariciar seu doce animal de estimação, dar voltas pela cidade e se divertir da melhor maneira possível.

Descobrir essas coisas sobre si mesmo foi um grande passo positivo para sentir-se melhor, pois no fundo se deu conta de que era ele por ele mesmo, nesta história. Mesmo que algumas vezes tenha deixado seu debilitado psicológico sofrer por coisas fúteis do seu passado, essa dor que sentia no seu peito ainda pulsava de uma maneira na qual procurava respostas para melhorar.

E em mais uma longa madrugada da sua vida acontecia. Desta vez o menino concluía sobre mais um de seus vários erros que cometeu no passado, que dentre todos os equívocos se ele tivesse colocado pontos finais ao invés de vírgulas, a sua história de vida podia ter tomado outra proporção e outros rumos.

As madrugadas se tornaram seu principal conforto, era o horário no qual ficava tranquilo e também o momento no qual seus pensamentos ficavam ligados às memórias de tudo que já tinha vivido.

Cansado de viver com esses sentimentos infelizes, decidiu que não merecia sofrer em vão por algo não recíproco, ficar preso no passado era um de seus vários erros. Gostaria de recomeçar e assim o fez melhorando a pessoa que já era e que ainda seria.

Apartamento assombrado?

Gabriel Salvador

Era uma noite muito quente e abafada. Estava no meu quarto todo bagunçado, roupas e tranqueiras espalhadas. Minha respiração estava pesada e cada vez pesava mais, enquanto me revirava pela cama desconfortável.

Acordei suado e confuso, ao som de batidas incessantes na porta do meu minúsculo apartamento. Achei estranho alguém me procurando às 5 horas da madrugada, afinal moro no 5º andar e não tem elevador, devia ser algo realmente importante. Levanto, dirijo-me à porta e espio pelo olho mágico. Nada. Abro a porta, olho concentrado pelo corredor tentando achar algum vestígio de quem pode ter feito isso, e percebo uma luz saindo debaixo da porta, do apartamento 502. Vou até a porta e dou algumas batidas, com a esperança que o seu Joaquim apareça. Escuto um rangido da cadeira e em seguida passos em minha direção, ele abre a porta.

Joaquim é um homem moreno com seus 37 anos, com o cabelo que parece um picumã, mas já dá para ver seus primeiros fios brancos, vestido com um macacão com a logo do Ipiranga. Ele pergunta por que estava batendo na porta, e em seguida pergunto se ele ouviu alguém batendo nas portas, e ele responde rudemente que não. Eu me despeço e volto para meu apartamento pensativo, com a ideia de que foi apenas uma criança levada, depois voltei para a cama, mas não consegui mais dormir. Enquanto me reviro na cama tentando dormir, pensando no ocorrido, logo percebo que o despertador toca, 06h30min.

Sigo minha rotina metódica, levanto-me troco, tomo meu café com pão caseiro, vou para o trabalho a pé, pois é apenas 5 quadras de casa, em uma cidade relativamente pequena, com aproximadamente 80 mil habitantes, passo pela portaria e cumprimento o porteiro.

Trabalho em uma empresa de alimentos, onde estagiei na faculdade, como químico, fiscalizando os processos de produção. Fico encarregado de cuidar da proporção dos conservantes nos alimentos por lotes, eu apenas tenho que fazer essa proporção para um lote e acompanhar para que não haja nenhum imprevisto.

Quando percebo já é meio-dia, e vou almoçar em um restaurante que está a umas duas quadras do serviço. A frente do restaurante é feita com tijolos à vista, bem vermelhos e desgastados, o que lhe concede um estilo rústico, além de possuir

uma ótima comida caseira, com panelas ferro altas e grossas, em cima de uma chapa de fogão, para que a comida não esfrie. Depois de almoçar vou ao caixa pagar pelo almoço e, em seguida, volto para o serviço.

Quando me dou por conta já são 6h da tarde, então volto para casa, cansado e com fome, e chego às 18h38min. Tomo um banho, vou jantar: um chá e um salgado que comprei vindo para casa e depois vou assistir um pouco de Netflix, e durmo ali mesmo no sofá.

Acordo às 5 horas da madrugada, novamente com batidas na porta, levantei rápido, para ver se conseguia ver quem estava batendo. Abri e nada. Olhei em volta, nenhum sinal de vida, voltei para dentro e voltei a dormir, e sigo com minha rotina. Mais um dia de trabalho... Tudo igual. Ou não?

Dessa vez, quando cheguei ao condomínio onde moro, por volta das 18h30min, fui direto para a portaria, onde encontrei o porteiro, Wesley. Ele é um homem de 63 anos, com o cabelo castanho, pele branca, com uma jaqueta de segurança e uma arma na cintura. Gostava de estar preparado para qualquer eventualidade, ainda mais depois de um evento que ocorreu há uns 12 anos, uma tentativa de assalto, em que o fizeram de refém. Cumprimento-o e pergunto ao Wesley onde estava o Carlos, o síndico, e ele responde que estava no bloco C. Em seguida me dirijo ao bloco C e lá encontrei o síndico, Carlos, com seus 46 anos, calvo, negro, com aproximadamente 1,80m de altura, e pergunto:

— Opa Carlos, poderia pedir um favor?

— Opa, pode sim, o que seria?

— Tem alguém que anda fazendo trote lá em casa, acho que é uma criança, por volta das 5 da madrugada vai lá em casa e bate na porta até eu acordar, e quando eu abro a peste já fugiu. Poderia dar uma olhada nisso?

— Qual o seu bloco? — Perguntou o síndico.

— O bloco A.

— Só tem um problema, não tem crianças nesse bloco, já para evitar problemas desse tipo. Os blocos C, D e E são só para inquilinos que possuem filhos.

— Bah! Obrigado de qualquer jeito, até.

— De nada, até.

Voltei para meu apartamento pensando, quem poderia estar fazendo isso? Tomei um banho, bebi um café e fui dormir pensando em como resolver essa situação.

Durante a primeira semana eu consegui dormir, porém sempre acordando às 5 da madrugada. Já na segunda eu nem conseguia mais dormir com a preocupação da próxima batida na porta.

Até que um dia em que voltei para meu apartamento ainda pensando, quem poderia estar fazendo isso, quando cheguei fui direto tomar café, enquanto esperava minha comida chegar, pois no caminho de casa pedi um lanche, pensava no que ou quem estaria fazendo aquelas batidas na porta.

Saio do transe com o telefone fixo tocando, meu lanche chegou, desço, até a recepção para pegar, o condomínio tem uma política com a entrada de estranhos, mesmo sendo parentes é uma novela para que possam entrar, mas continuo com o pensamento distante.

Quando chego na recepção, está o Joaquim desconfiado perguntando se eu realmente pedi uma porção de batata frita e um refrigerante, apenas concordo com a cabeça e vou receber o lanche, quando estou voltando Joaquim indaga se ainda não tinha conseguido resolver o problema com o trote e aceno com a cabeça afirmativamente. A sugestão dele foi de instalar câmeras e eu achei ótimo, pois pensei que isso iria resolver o meu problema.

Volto para o apartamento com essa ideia na cabeça, quando chego, vou direto para o meu laptop pesquisar empresas de segurança aqui na cidade. Nesse impulso perco até a fome e quando me dou conta já é meia noite. Como a comida fria e vou dormir pensando que no dia seguinte falaria com síndico para obter a permissão para instalação das câmeras.

No dia seguinte, após cumprir com meus compromissos, por volta das 18h50min fui falar com o síndico sobre a instalação das câmeras e ele me perguntou se ainda era aquele problema do trote. Respondo que sim e que fazia uma semana que não dormia direito, e ele me olhou com ar pensativo por uns dois segundos e concordou acenando a cabeça com uma certa hesitação.

Agradei e, em seguida vou para meu apartamento para ligar para a empresa de segurança, para virem o quanto antes fazer a instalação das câmeras. Vou dormir mais tranquilo. No dia seguinte acordo com as batidas na porta, como de

costume, fico acordado até o despertador tocar, 6h30min, e depois sigo com minha rotina, quando cheguei no mesmo horário que os outros dias, por volta das 18h40min, e as câmeras já estavam instaladas, paguei pelo serviço, e os técnicos me explicaram como funcionava.

Passei a noite em claro vigiando o corredor, a cada uma meia hora passa um ser. Quando olho para o relógio são 4h e meia da manhã, eu podia escutar o vento assoviando nas janelas, era um dia incrivelmente frio, chegava a um grau negativo, o que não era costumeiro, estava tomando meu café e enrolado em uma coberta bem grossa, enquanto olhava atentamente para o meu laptop, que mostrava o vídeo das câmeras, nenhum sinal de vida.

Olho novamente para o relógio, 4h50min, estou ansioso para ver quem estava pregando essa peça de mau gosto, repentinamente nasce um sorriso de orelha a orelha, minha mão começa a tremer de nervosismo, com uma pitada de medo.

Quando vejo um homem saindo das escadas, com uma blusa em um tom de caramelo, uma gola bem alta e chapéu que tapava o rosto, um sapato recém engraxado, que refletia a fraca luz amarelada do corredor. Olho para o relógio, são 4h59min, e penso, “É ele, só pode ser ele”. O homem caminha em passos largos e apressados.

Quando, ele passa pelo ponto cego da primeira câmera, escuto as batidas, e espero cerca de um minuto para ver onde vai esse homem. Vou correndo até a porta e abro de supetão, nada, olho em volta, nada, e vou correndo para as escadas para ver se acho o tal homem, desço-as, nessa euforia até esqueço-me de fechar a porta, parece que meu coração vai sair pela boca, desço escadas, e procuro o homem, nada.

Volto para meu apartamento para ver as gravações, e olho atentamente para a tela para ver onde foi esse tal homem desconhecido, ele simplesmente desaparece. Reflito como isso tem toado meu tempo. Tenho medo. Só penso na batida da porta às cinco horas da manhã. Parece que só isso importa. Era melhor tomar uma atitude: quem sabe mudar de cidade? Reflito sobre isso o resto do tempo até o relógio me avisar que era hora.

Vou cedo para o trabalho para pedir transferência, mostro as fitas da gravação para o meu chefe, ele me olha com um ar de sério, quase chega a dar

medo, e me conta que eu não eu não sou o único a pedir transferência por conta de uma assombração, mas sou o primeiro a apresentar provas, e me diz que até hoje achava que eles eram loucos, e me pergunta se moro no apartamento 501 do bloco A, aceno com hesitação e pergunto como ele sabe e diz que é o mesmo apartamento que outros funcionários moraram e que também relataram sobre essa batida na porta..

Parece que era um inquilino que se suicidou. Sabendo disso fico ainda mais agitado e o interrompo dizendo que essa história já havia causado dor de cabeça demais. Ele me acena com a cabeça e diz para voltar à tarde para pegar a papelada da transferência, agradeço e vou para casa arrumar as malas.

Converso com o síndico sobre o ocorrido e me despeço, e ele me cobra a multa de sair sem avisar. Quando passo pela portaria, cumprimento Joaquim, o qual me olha com tristeza com uma mistura de compaixão, afinal já o conhecia há 5 anos. Pego o taxi que me espera, respiro fundo com alívio, com o pensamento de que acabou o pesadelo. Será?

Amor Cômodo

Gabriela Blasius da Silva

E então marcaram o primeiro encontro. A noite foi indescritível. Conversas sobre assuntos diversos e uma química incrível. Fazia frio e garoava naquela noite. Ele, sorridente e à vontade. Ela, falante e feliz por ele ficar abraçado nela o tempo todo. Tomaram uma garrafa de vodka e, no carro, ouviram a banda preferida dela.

Na mesma semana saíram mais três vezes e foi incrível, romântico e mágico. A noite perfeita, como ela chamou, sorrisos de orelha a orelha estampava a feição dos dois, era realmente aquele romance estilo montanha russa, todas as sensações misturadas com muita adrenalina e a todo vapor.

O envolvimento parecia rápido demais, tanto quanto o início dos desencontros de comunicação. Ele pilhado com problemas em achar um emprego. Ela tentando sair de uma briga sem fim que tinha com os pais. E mesmo estando em uma situação complicada sempre podia ouvi-lo, mas isso não era retribuído da parte dele e foi aí que tudo começou a mudar....

A cada “oi” dele era um desânimo para ela, pois sempre eram assuntos de trabalho, era todo dia um “não posso falar agora”, “saímos outra hora” entre tantas outras desculpas. Ele estava focado em mudar, ser diferente e alcançar objetivos distantes. Ela apenas queria viver um romance.

Uma lacuna entre eles se abriu, ela todos os dias tentava construir uma ponte que a levasse a ele, pois não podia e nem se permitiria sofrer por um homem. A cada vez que ela chegava ao final da ponte via-o do outro lado parado, com pensamentos avoados e que não eram sobre ela. E assim se foram dias, colocando madeira por madeira na passagem e quando chegava até ele, era só decepção.

Ela achou que tinha tido a ideia brilhante de preparar uma sexta com chocolates e vodka, como no primeiro encontro e, então, fez uma surpresa. No início ela teve a atenção Del, mas não por muito tempo e o assunto voltou a ser ele e seus objetivos inalcançáveis. Ela ficou calada o tempo todo, ele a deixou em casa e foi a última vez que se viram.

Ela decidiu ir morar com a tia na capital uma semana depois daquele último encontro, recuar era o que ela precisava, guardar para si e se economizar para não desgastar seu coração. O fim de um romance que mal tinha começado foi decretado naquele momento.

Ele soube da notícia dias depois, e o fundo do poço começou... Ele entendeu que ela que sempre esteve ali, tinha partido e ele não podia nem tentar impedir. Então entrou no carro e como no primeiro encontro, colocou a banda preferida dela para tocar e saiu pelo mundo, não se sabe para onde nem por que, mas lágrimas em seus olhos não faltaram.

E mesmo com tudo isso ela se lembraria dele com carinho, e torcia para que tudo em sua vida desse certo, pois aquele romance sem freio e em chamas levou um balde de água para esfriar, porque tem coisas na vida que simplesmente não eram, não são e nunca vão ser para dar certo mesmo que exista um grande amor no meio.

O amor que atravessa gerações

Guilherme Augusto Zilio

Como o cotidiano corrói a vida de cada um de nós...

Isso é o que penso cada vez que, sozinho, reflito sobre minha própria vida que, como as gotas do chuveiro frio que lentamente caem sobre minha cabeça, fazem meu corpo estremecer da ponta de meus pés, até o topo de minha cabeça.

Já com pouco cabelo, sentia a água gelada em meu corpo, o arrepio de frio era inevitável, a resistência do meu chuveiro se encontra queimada, mas o banho diário não foi subtraído de meu cotidiano, algo necessário para o início da manhã antes de ir ao trabalho.

Sozinho em meu apartamento mofado e escuro, não via mais minha esposa, divorciado há 4 anos, perdi minha casa e a guarda de meu filho, em meio a tudo isso fiquei atordoado, fui demitido de meu antigo emprego e graças a essas desventuras da vida, aqui estou, sentindo cada vez mais a solidão e o silêncio e, sem perspectiva alguma, sucumbia a esses sentimentos.

Acordo todo dia às 5 da manhã, me arrumo para o serviço, trabalho em um supermercado no centro de São Paulo, pego o mesmo ônibus, todos os dias, no mesmo horário, para passar duas horas e meia de engarrafamento até chegar ao supermercado, onde luto há muitos anos pelo cargo de gerente. Comecei como caixa e desde então continuo nessa mesma função, mas não encontro em minha chefe vontade alguma de me promover.

Termino meu serviço todos os dias no horário próximo ao fim da tarde, a caminho de casa, vejo o pôr-do-sol passando por uma praça. Ali sempre há um casal sentado em um banco conversando, pessoas já de idade, com cabelos brancos e rugas em seus rostos. Todos os dias eles se sentam no mesmo banco, no mesmo horário e não deixam de se olhar do jeito mais puro e apaixonado.

Me pergunto, sempre que os vejo, se um dia encontrarei um amor tão forte, profundo e verdadeiro como o deles, já que sempre me iludi em minha vida amorosa. Conheci minha ex-esposa ainda no colégio, e como um amor adolescente e ardente, cedo nos apaixonamos. Ao passar dos anos esse amor foi se esvaindo e apenas nos encontrávamos brigando e discutindo, então a única e última solução foi o divórcio.

Numa terça-feira nublada e fria passo pela praça no mesmo horário como de costume, porém, não vejo o casal que sempre me inspira. Acho a situação meio estranha, mas sigo meu caminho até em casa. Sempre, no chuveiro, tiro alguns momentos, muitas vezes, para pensar, e hoje, fazendo isso, não encontro resposta alguma em minhas paranoias para explicar o motivo do sumiço do casal.

Quarta-feira e quinta-feira a mesma situação, notícia alguma dos dois, sigo o resto daqueles dias preocupado e pensativo. Parece até que eu os conhecia...

Segunda-feira seguindo meu mesmo rumo, vejo apenas o senhor sentado naquele mesmo banco, olhando para o horizonte, chorando. Insisto para que o motorista do ônibus pare antes do meu ponto desembarque para que eu possa conversar com o senhor que estava ali sentado

Chego próximo ao banco e pergunto se posso me sentar, ele faz que sim com a cabeça, começamos a conversar pergunto-lhe seu nome, sua idade e ele as mesmas perguntas me faz, depois de tempo decido perguntar-lhe o motivo de estar chorando, e é quando recebo a notícia de que sua esposa havia falecido, fico surpreso. O senhor logo começa a me olhar pensativo e um pouco alegre, pergunto-lhe o motivo de sua alegria, sua esposa acabava de falecer, mais de 45 anos juntos e eu continuava sem entender sua felicidade. Ele me responde que de tudo fez com sua amada, tudo que sonhava e planejava, e de nada se arrepende, tudo que queriam fazer juntos fizeram, antes que ela partisse.

O senhor me olha mais profundamente em meus olhos e me diz:

- Viva sua vida intensamente, não se prenda a situações rotineiras e, o mais importante, siga seus sonhos, mas não deixe de encontrar alguém com quem compartilhá-los.

Depois de conversarmos e de lhe agradecer sigo meu caminho até em casa, mas vendo tudo de uma maneira diferente e com uma vontade enorme de mudar quem sou.

O vermelho do arquiteto

Gustavo Henrique Leão

Há muitos anos, eu era uma pessoa que estudava demais, sempre tinha que ler livros apresentar trabalhos e foi assim até eu terminar minha faculdade. Eu gostava muito de arquitetura. Adorava decorações e, por um tempo, trabalhei nesse ramo.

Infelizmente não tive tanto sucesso como esperava nessa área, então procurei outros empregos, em outros lugares e foi assim que tudo começou.

Antes eu não sabia muito bem como agir e como proceder em trabalhos assim. Mas com o tempo fiquei mais frio e calculista, sempre tentando chegar à perfeição. Sempre ia ao lugar olhava, entendia como ele era, depois olhava os cômodos, o que poderia ser usado do local e, por fim, fazia o que precisava fazer. Até que tudo mudou...

Naquele dia acordei disposto e, como, tinha muito trabalho a fazer, fui até aquele prédio, estudei-o todo. Ele tinha duas saídas uma estava na frente e outra atrás, o prédio tinha 5 andares, um elevador e uma escada. O número do apartamento era o 202 e ficava mais próximo ao elevador, era um lugar bom.

Sem muito esforço, entrei no apartamento, a decoração era muito bonita, moderna. O quarto era grande, tinha uma cama enorme, uma cômoda muito estilosa e um quadro espetacular, era uma suíte e no banheiro uma banheira grande e confortável, um box e uma privada pareciam iluminar tudo em tons de branco.

Fui à cozinha, lá tinha um balcão lindo, panelas e utensílios estavam cuidadosamente arrumados. Pensei que poderia usá-los, pois lá estavam alguns talheres de prata e facas super afiadas... O fogão era elétrico, tinha uma lavadora e secadora de louças e o piso reluzia em branco.

Fui ao quarto de visitas, lá havia uma cama e uma cômoda e nada mais, mas a janela deste quarto dava para uma sacada que ficava na frente do prédio, depois disso fui ao banheiro social, era simples e pequeno.

Após olhar todo o apartamento fui para casa comecei a pensar sobre aquele espaço. Quanto trabalho daria e como iria fazer tudo como foi pedido, pensei em começar pela cozinha, pois algumas coisas lá ainda podiam ser usadas, como aquelas facas e aquele fogão elétrico.

Depois disso iria ao quarto e pegaria as coisas que o chefe me pediu e logo depois ao quarto de hóspedes e terminaria. Provavelmente não mexeria nos banheiros seria muito difícil. Liguei ao meu chefe e disse que estava tudo certo.

Ele falou que deveria esperar uma semana. No dia combinado, acordei cedo, tomei meu café, me arrumei, coloquei um terno e peguei o carro, parei na frente do prédio.

Dessa vez eu estava empolgado, entrei e subi as escadas, pois vi algumas pessoas subindo pelo elevador e queria fazer surpresa, quando cheguei, bati na porta.

- Bom dia, disse o dono da casa.
- Bom dia, o senhor que é o Maurício.
- Sim, o que o senhor gostaria?

Nesse momento, eu dei um soco e o derrubei no chão, peguei-o pelo pescoço e o levei a cozinha, bati cabeça dele no fogão ele ficou atordoado, usei a faca da cozinha: enfiei no seu braço, depois levei o sujeito para o quarto, joguei-o no chão e falei:

- Onde estão os arquivos e as senhas.
- Não sei onde estão!
- Me fale agora, estou mandando!
- Eu, não sei.

Foi aí que peguei a faca enfiada nele e comecei a girá-la. Então ele falou:

- Os arquivos estão atrás do quadro e a senha do cofre é 5342.

Tirei o quadro e lá estava o cofre, abri e lá estavam os arquivos da máfia italiana e muito dinheiro. E todos os lugares, senhas, empresas e pessoas que a máfia escondia e, além disso, tinha 100 mil reais em dinheiro naquele cofre.

Mas isso ainda não tinha acabado, ele era um dos cabeças e não poderia deixá-lo ficar vivo, comprometeria meu trabalho, minha vida e minha segurança. Segurei-o e o levei até o quarto de hóspedes, abri a porta da sacada e, por um momento, refleti como isso era estranho, em meio aos gritos de piedade, empurrei-o

Desci a escada correndo, cheguei à calçada e reparo que ainda está vivo, então tive que fazer o que é preciso, puxei a arma e um tiro em sua cabeça. Fim.

Entre no carro, acelerei e fui embora.

Dias depois fui para a casa do meu chefe, chegando lá entreguei todos os arquivos e então pedi meu pagamento:

- Ah, você chegou até que enfim, achei que não ia chegar.

- O trânsito estava muito monótono, se você me entende, estive escondido por alguns dias.

- Sem problemas eu espero?

- Sim, Senhor.

- Vamos falar sobre o que você achou, está tudo aqui?

- Sim, Senhor. Mas onde está meu dinheiro?

- Acontece que você fez um ótimo trabalho. Mas infelizmente as coisas não são como queremos.

Nessa hora ele sacou uma arma e tentou atirar em mim, foi quando me atirei ao chão e desviei dos disparos, então puxei a pistola e atirei 3 vezes, naquela hora só pensava em como iria acabar, quando percebi já estavam 3 guardas com metralhadoras apontadas.

Então com certeza foi a maior loucura que fiz, sem pensar em nada levantei e com uma extrema rapidez atirei 4 vezes e os 4 estavam no chão, então peguei os arquivos e peguei o dinheiro que estava na mesa.

Como eu sabia que aquilo não podia ficar daquele jeito fui para o posto de gasolina mais próximo peguei um galão, voltei a casa joguei gasolina em tudo, acendi um cigarro olhei bem para a casa e o joguei.

Entre no meu mustang e apenas corri, é difícil entender o que aconteceu naquele dia, o porquê de tudo aquilo, sempre fiz tudo o que ele pedia e nunca o traí e agora tive o pior fim, abandonei minha família e tento ficar o menos visível. Mas 10 milhões está me dando uma vida muito boa.

A Morte pede carona

Gustavo Vinícius Zilio

Em uma tarde nublada e chuvosa, dois homens de idade avançada, o que seria um jeito carinhoso para não os chamar de velhos, sentados à mesa de um boteco estavam discutindo histórias da cidade onde moravam, assassinatos e momentos incomuns que a população presenciou. Um deles havia acabado de lembrar da vez que, no aniversário da cidade, durante a passeata, o povo viu o atentado contra o prefeito que por pouco não foi esfaqueado por um lunático da oposição. O outro velho terminou sua cerveja e disse que ia contar uma história que muitos já ouviram falar, mas não a escutaram inteira, a morte de pai e filha, no beco ao lado do cinema e na rodovia em frente ao mesmo cinema.

- Vou te contar do mesmo jeito que me contaram. No momento em que o sol se esconder e a lua brilhar no céu, a tristeza perdurará. Era apenas isso que este homem conseguia enxergar. A amargura de sua vida começou no momento em que perdeu sua filha. Assassinada em uma viela qualquer, numa noite comum, mas que ele nunca mais esqueceria – contava o velho.

- Deixe de floreios e palavras complicadas - disse seu amigo enquanto pedia outra rodada para o dono do bar.

- Tudo bem, agora pare de me interromper e escute a história.

A filha saíra animada, era a estreia de algum filme bobo e fútil que encanta os jovens. O pai não quis acompanhá-la, estava exausto após seu trabalho na Metalúrgica Jones, perto da rodovia principal. O homem pediu à filha que passasse no banco retirar seu salário da metalúrgica, sabendo que não tinha 1 real na carteira, e avisou-a também que deveria estar em casa antes da meia-noite, já que tinha aula no dia seguinte.

Antes de chegar ao cinema, a moça passou no banco, retirou o salário do pai, que era a única coisa que sustentaria os dois pelas próximas quatro semanas. Guardou a quantia na carteira e separou uma parte muito pequena para pagar seu ingresso e sua pipoca, quando chegasse ao cinema. Assim ocorreu, a menina pagou sua meia-entrada, comprou um balde de pipoca grande e um refrigerante e sentou-se para aproveitar o momento.

Ao final do filme, a moça que estava sozinha, decidiu pegar um atalho por um beco, ao lado do cinema. Andava tranquila, feliz com o filme a que assistira, até que

escutou passos atrás dela, virou-se para ver quem estava ali, mas não havia ninguém. A menina continuou sua caminhada até que sentiu uma arma sendo pressionada contra suas costas e uma voz grossa.

- Perdeu, perdeu. Pode ir passando tudo que você tem aí, e sem gracinhas - disse o assaltante.

- Tudo bem, pega tudo só não me machuca. – soluçou a pobre garota.

Mas aflita, pensou que não poderia entregar o dinheiro que o pai suou tanto para receber. Estava decidida, apesar da tremedeira, fingiu pegar a carteira, mas terminou com um soco, leve, mas esperançoso no rosto do meliante, o choque fez com que ele a largasse, a menina saiu correndo. Entretanto, a felicidade por escapar ilesa e com o dinheiro, durou pouco, a menina correu apenas alguns metros até que escutasse os disparos e caísse sem vida no chão do beco. O assaltante pegou a mochila e sumiu na escuridão da noite.

O pai, acordou no meio da noite com o telefone tocando, levantou-se de sua cama e foi atender a ligação. As palavras que escutou nos momentos subsequentes não fizeram o menor sentido, como poderia ser verdade, que sua garotinha havia sido arrancada de seus braços e ele nunca mais a veria? Por que alguém tão jovem poderia simplesmente sumir Dio mundo? A negação da perda, logo deu lugar à raiva do homem que a matou e, em seguida, a culpa por tê-la deixado ir, mas, principalmente, por não ter ido com ela.

O dia seguinte amanheceu chuvoso, o pai aflito, perdido, sem filha e no meio do processo de divórcio, estava desolado. Abriu-se um buraco onde antes estava seu coração, não comia, não dormia, porém se encontrava toda noite no fundo de uma garrafa barata de whisky. Tentando se esquecer de seus problemas, mas a inocência durava pouco, apenas enquanto o álcool da bebida fazia efeito.

A polícia o procurou na semana seguinte do assassinato, ele não estava em condições para conversar sobre a morte de sua garotinha, o caso ficou aberto, sem solução. Nenhum detetive queria desperdiçar seu tempo com o que parecia ser um homicídio esporádico, sem testemunhas e que necessitava de uma conversa com o pai de luto.

Passaram-se meses e a rotina do homem continuou igual, acordava antes do nascer do sol com o mesmo sentimento de vazio do dia anterior, vestia-se, passava seu café e tomava-o sozinho, pegava uma banana do cacho, que além da bebida

era a única coisa que não poderia faltar em sua casa, por fim, jogava a xícara na pia, fechava a casa, dava a partida no seu Gol 2008 com o farol quebrado e pegava a rodovia principal em direção ao mesmo emprego na metalúrgica. Trabalhava um turno de 10 horas por dia, todos os dias e folgava apenas no domingo.

Mas foi no dia do aniversário de sua ex-esposa que o homem sentiu-se ainda mais solitário e percebeu que o assassino de sua filha continuava solto e que ele mal se preocupava em receber a polícia em sua casa. Resolveu ir até a delegacia, mas o caso já era considerado arquivado e, como havia poucas informações, os detetives se recusaram a ajudá-lo, irritado o homem saiu e, no caminho de casa, passou pelo cinema da cidade, resolveu ver um filme e lembrar de sua falecida filha.

Comprou um balde de pipoca, um refrigerante e dirigiu-se para sua cadeira, que ficava na fila do meio, para ele, o melhor lugar do cinema, assistiu aos trailers e ao filme, como algum tipo de tributo à sua filha, não perdeu a concentração um minuto, mal piscava. O enredo do filme era deprimente, cheio de cenas tristes e com um final vago e pouco conclusivo, o que obviamente indicava que haveria uma continuação. O homem odiou o filme, mas como sinal de respeito não comentou nada sobre ele com ninguém ali.

Ao final da sessão, ao sair do cinema, percebeu que já estava escuro, para ir para casa, havia deixado seu carro em casa, para não gastar gasolina, ir pelo caminho convencional demoraria muito, então, pegou um atalho. Atalho esse que passava pelo beco ao lado do cinema, o mesmo lugar onde sua filha perdera a vida. Andava triste até esbarrar em um jovem funcionário do cinema, o mesmo que o vendeu a pipoca, um rapaz de cabelos castanhos curtos e olhos azuis, estava fumando um cigarro durante seu descanso. O garoto simpático perguntou:

- Está tudo certo com o senhor?
- Sim, só estava distraído pensando em minha falecida filha.
- Espera aí, eu te reconheço, seu rosto apareceu no jornal faz um tempinho, sua filha foi assassinada bem aqui não é mesmo?
- Sim, mas cuidado para não ser intrometido meu jovem.
- Desculpe, só estou curioso, não queria ofendê-lo ou me intrometer. Como ela era?
- Tudo bem. Ela era garota mais linda do mundo, tinha cabelos pretos longos, olhos castanhos, um sorriso sincero e deslumbrante, covinhas em suas bochechas e

um nariz arrebitadinho. Estava usando uma regata amarela, uma jaquetinha preta com uma calça jeans azul e uma sapatilha verde claro.

- Quantos anos ela tinha?

- Tinha 16, uma vida inteira para frente e um mundo gigante para descobrir.

- Aposto que você queria tê-la de novo, não é?

- Daria tudo para isso, a saudade é tão grande que mal cabe no peito- disse o homem melancólico.

O homem se despediu do funcionário e retomou sua caminhada para casa com a cabeça baixa e as memórias pesadas apertando seu coração. Andou pouco mais de 3 metros até que escutou o jovem chamando-o novamente.

- Eii, senhor volte aqui. Não é sua filha ali do outro lado da avenida?

- O quê?! É ela mesma! – Voltou correndo, passou pelo garoto que com o cigarro na mão ficou apenas o observando. Apertou o passo para atravessar a avenida, mas não chegou ao fim dela.

Um ônibus estava passando, o motorista não viu o homem, que foi atropelado no meio do asfalto. Em seu último suspiro enxergou sua filha de longe chamando por ele, e faleceu olhando para sua menina, sua vida esvaindo de seu corpo.

- Como assim? Esse é o final da história? O pai não ia ter a filha de novo? Era uma ilusão? – perguntou o outro velho em pé na frente da mesa do bar, ansioso pela resposta.

- Se acalme meu amigo, ele a teve de novo, até hoje os dois estão juntos na eternidade. O jovem funcionário nunca mais foi visto depois desse acontecimento, dizem que ele era a Morte vindo buscar a alma do homem que havia sofrido tanto pela perda precoce de sua filha. Os três então, a Morte, o pai e a filha saíram abraçados em direção à justa eternidade, o pai junto de sua menina, pois após toda a tormenta que passara era o que ele merecia.

- Como você sabe de tudo isso, meu velho? - questionou o outro velho.

- Era eu quem pilotava o ônibus, depois do acidente me aposentei e investiguei tudo o que acontecera com a família, e essa história, foi tudo o que descobri.

Observada

Helena Rosa Bossardi

Hoje cheguei do trabalho totalmente exausta, estou cansada do meu chefe ficar berrando comigo “Heloísa faça isso, Heloísa faça aquilo”. As luzes da cidade de Chicago batem na minha janela, onde me dou uma breve encarada, e penso “o que eu estou fazendo da minha vida?”. Logo volto à realidade.

Coloco a chave na porta da minha casa e ouço a minha gata, Kira, ronronando atrás da porta. Quando entro em casa ela vem se esfregar em minhas pernas, faço um leve carinho em seu pelo, coloco minha bolsa e minhas chaves em cima do balcão e sigo para o banheiro.

Tomo o meu banho e começo a pensar “é isso que eu quero para mim? Já tenho quase 30 anos e não penso em nada a não ser trabalho, será que algum dia chegarei a constituir família? Será que esqueci que tinha esse sonho?” Acordo dos meus pensamentos com o sabonete caindo em meus pés. Termino o meu banho rapidamente e sigo para o meu quarto, coloco o meu pijama e começo a assistir à televisão. Vejo uma fresta na porta de meu quarto se abrir e Kira entrando, ela pula na minha cama e começa a ronronar, agrado-a e ela se deita em meus pés. Levanto para fechar a porta do meu quarto e volto para a cama, quando olho no relógio tomo um susto, vejo que já é quase meia noite e resolvo dormir.

Acordo às três horas da manhã com a minha porta do quarto sendo arranhada, logo vem à minha cabeça que Kira estaria tentando entrar, mas sinto uma pequena movimentação nos meus pés, e lá está ela. Preciso pensar racionalmente em um momento desses, provavelmente é coisa da minha cabeça, porém ouço os arranhões novamente e tenho certeza de que o que está acontecendo é real.

Logo vem o pior na minha cabeça, alguém invadiu o meu apartamento e está roubando minhas coisas. Com toda a coragem que tenho eu levanto e saio do meu quarto, abro a porta com o coração na mão, caminho até a cozinha lentamente e acendo a luz. Nada, não tem ninguém, confiro na sala, não tem absolutamente ninguém na minha casa a não ser eu e Kira. Ouço alguma coisa no meu quarto e corro para lá, não tem absolutamente ninguém, nada atrás das cortinas, nada dentro do guarda-roupas, nada.

Preciso parar de me preocupar com um mero som que provavelmente foi fruto da minha imaginação. Já voltei para a cama há um tempo, a ideia de alguém estar na minha casa não sai da minha cabeça, estou completamente aterrorizada. Tento seguir um pensamento lógico e continuar acreditando que tudo aquilo foi fruto da minha imaginação, mas parecia tão real... Checo o horário no meu celular e percebo que em menos de 3 horas devo ir para o trabalho. Penso que tenho que dormir, ou não irei conseguir trabalhar nada. Viro para o lado e... Tento...

Acordo com o som do meu alarme, desligo esse barulho irritante, me espreguiço e vou ao banheiro, sem querer deixei cair meu celular perto da cama, me abaixo para pegar o aparelho e sinto dois pares de olhos me encarando. Esse olhar vem debaixo da cama. Fico aterrorizada, mas finjo que nada aconteceu.

Vou andando rapidamente ao banheiro, simulo mandar um áudio para a minha mãe e falo em voz alta perto do celular “Mãe, já chego em sua casa, só irei tomar um banho” assim que termino minha atuação corro como nunca ao banheiro e me tranco lá.

Tudo começa a fazer sentido, os arranhões de ontem à noite, aquela sensação ruim, tinha alguém sim, junto comigo, nesse apartamento, e o tempo inteiro ele estava debaixo de minha cama.

Ligo o chuveiro para fingir que estou tomando banho, ligo rapidamente para a polícia e tento falar o mais baixo o possível “tem alguém na minha casa desde ontem de noite, só reparei hoje de manhã, eu moro na rua Burling street”. Sento-me no vaso sanitário e começo a rezar para aquele homem não fazer nada comigo, que tudo isso só seja uma piada de péssimo gosto, que ele não esteja aqui com uma intenção ruim. Não quero acreditar na opção mais lógica, que ele veio para me matar.

Novamente para a polícia, agora já nem disfarço o tom de voz, falo que tem alguém embaixo da minha cama, e que acho que ele quer me matar, aviso que preciso urgentemente de ajuda, e que eles precisam ser rápidos. O chuveiro ainda está ligado para parecer que eu estou no banho, sento-me de novo no vaso sanitário e fico pensando, “por quanto tempo essa pessoa estava aqui? Como eu não percebi antes?”.

Ouçó uma sirene de polícia chegando perto da minha casa, rapidamente abro a minha janela e pulo para fora, os policiais me veem saindo de casa e logo entram

nela, uma mulher começou a me fazer várias perguntas e eu fui respondendo, acredito que elas eram para abrir um boletim de ocorrência. Logo a polícia sai de minha casa com um homem algemado, um dos policiais estava com uma arma branca na mão, mais especificamente uma faca, ele coloca o sujeito no porta-malas do carro da polícia e me diz “ele estava na porta do banheiro com essa faca, assim que você saísse do banheiro ele estava pronto para te matar, ainda bem que você nos ligou”.

Tudo isso aconteceu cerca de sete meses atrás, parece que foi tudo um pesadelo, o homem está preso. Descobriram que ele estava me perseguindo, depois do trabalho até a minha casa há algum tempo. Essa ideia dele me seguir todos os dias ainda me embrulha o estômago. Mudei para outra casa depois disso tudo, uma perto da casa de meus pais, assim eu fico com uma sensação de segurança maior.

De menino sonhador a laçador fazendeiro

Hugo Remor Arruda

Cléverson de Assis era o típico guri boca a aberta¹. Nascido em Lages, Santa Catarina em 1984, mas tinha alma e espírito de gaúcho. Era filho de uma meretriz, sem pai, e filho único, passou a infância toda na pobreza extrema. Trabalhava desde os 8 anos limpando as máquinas de uma serraria, para completar a renda da sua casa.

Morava na periferia da cidade, num bairro muito violento e dominado pelo tráfico de drogas. Apesar do ambiente em que vivia, dentro de sua casa era totalmente o oposto do seu bairro, sua mãe sempre foi muito atenciosa com ele, além de estimulá-lo a ir à escola que era do outro lado da cidade.

Como estudava pela manhã e passava o resto do dia na serraria, nunca teve tempo para descansar ou ir brincar com as outras crianças, exceto aos domingos, pois aos sábados também trabalhava. Quando chegava em casa estava cansado e não demorava para dormir. Acordava cedo também aos domingos, já havia se habituado ao horário e, logo cedo, assistia à televisão.

Em sua humilde casa, a pequena TV de tubo só sintonizava um canal, obviamente a Globo. Mas nos domingos de manhã nunca havia programação infantil nesse canal, mas sim um programa sobre a agricultura: Globo Rural. Inspirado, passava a tarde inteira brincando de ser um pecuarista ou até mesmo um latifundiário.

Porém os anos passaram e sua mãe não estava mais tão jovem e nem tão bonita para continuar atuando como meretriz. O dinheiro na casa começou a encurtar e a fome chegou. Tudo havia ficado racionado, pois Cléverson ganhava pouquíssimos cruzeiros por seus serviços.

Quando tinha 12 anos, decidiu deixar sua mãe para trás, e entrou em um pau de arara², partindo para Vacaria no Rio Grande do Sul. O pau de arara levava as pessoas para trabalharem em uma fazenda pecuarista que sempre realizava rodeios. Chegando lá, Cléverson foi trabalhar lustrando os laços, engraxando as botinas e escovando os cavalos nos estábulos.

¹ Guri boca aberta é o mesmo que garoto sonso, lerdo ou burro.

² Pau de arara foi um veículo utilizado para o transporte irregular de pessoas.

Nos domingos, como era o menor garoto, se tornou um breteiro³, passava o dia inteiro abrindo o portão para os laçadores passarem e sonhava em um dia ser que nem eles. Conforme os anos iam passando, Cléverson ia crescendo, então trocaram sua função, longe de seu sonho, e perto do estrume, colocaram-no para limpar as baias⁴ dos cavalos.

Seu chefe Narciso Gallasani, não deixava ninguém usar sua cancha⁵ para treinar, além de seu filho, o melhor laçador do Rio Grande do Sul, Francisco Gallasani, conhecido como Chiquinho laço de ouro, que tinha apenas 22 anos já havia vencido três vezes o Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria.

Cléverson e Chiquinho eram melhores amigos, afinal, tinham a mesma idade, cresceram e compartilharam momentos juntos. A diferente situação entre eles, um patrão e o outro empregado, nunca afetou o relacionamento dos dois.

Porém, com o tempo, Cléverson esqueceu-se do sonho de ser laçador e só queria sair daquele lugar em busca de um trabalho e uma vida decente. Encontrou emprego como capataz de uma grande fazenda em Santa Maria, seu novo chefe era um senhorzinho viúvo e sem filhos, chamado Jovelino Rial, dono do sexto maior rebanho do sul do Brasil. Cléverson trabalhou para ele durante oito anos, nesse tempo aprendeu tudo sobre a criação de bovinos.

Todos os dias, ele trabalhava incansavelmente, aprendeu seu sonho de laçar, mas não para competir e sim para criar gado. Aprendeu a lidar com o maquinário, como cultivar, tirar leite, e até carnear um animal. Em pouco tempo, virou chefe dos funcionários da fazenda, e era o protegido de seu patrão.

Porém em seu trigésimo aniversário uma tragédia aconteceu, Jovelino Rial teve um AVC e faleceu. Cléverson apesar de muito triste, estava preocupado com seu ganha pão, pensando que perderia seu emprego. Porém não foi o que aconteceu: Jovelino havia deixado todos os seus bens para ele.

Cléverson fez jus ao que recebeu e, em apenas três anos, dobrou seu capital, passou a investir não só no gado, mas também em plantações de soja e milho. Empregou mais de 300 homens. Cerca de 1.000 hectares plantados todos os anos e, em um curto período, havia criado um império.

³ Breteiro é aquele que abre o brete, abre o portão para o laçador.

⁴ Baia é o local onde guardam os cavalos.

⁵ Cancha é um terreno próprio para corrida de cavalos.

No entanto seu espírito de garoto ainda tinha um sonho, ser campeão do rodeio de Vacaria. Então começou a treinar, todos os dias antes durante um ano ele laçava três vezes ao dia, comprou o melhor equipamento, uma égua puro sangue e um laço de oito metros. E treinou até a grande noite.

Naquela sexta-feira, à noite, Cléverson subiu em sua égua no brete, respirou fundo, e saiu atrás do touro. Em apenas 16 segundos laçou o pobre animal, e foi assim durante toda a peneira, ele não errou uma laçada e se classificou para a grande final. Ele ia enfrentar o maior e atual campeão, que já havia sido seu amigo: Chiquinho laço de ouro.

Os dois não erravam nenhuma laçada, até que a égua do Cléverson se machucou após correr tanto. Então, no intervalo, ele achou um animal substituto, um burro, ele colocou sua sela nas costas do animalzinho e quando abriu a cancha bateu tanto no animal que ele disparou numa velocidade nunca vista antes.

Laçou o touro muito rápido, em cerca de 9 segundos, montado no burro. Foi uma surpresa. Apesar da rapidez, Chiquinho ainda tinha a vantagem, estava montado em um puro sangue, porém o laçador que nunca errava, errou e perdeu a competição encerrando uma trajetória de 13 vitórias ininterruptas.

Após ganhar o troféu de melhor laçador do Rio Grande do Sul, Cléverson foi até seu amigo de infância e pediu desculpas por ter abandonado a fazenda 10 anos antes sem avisá-lo e sem se despedir.

Os dois com 34 anos, aproveitaram o resto do rodeio, lembraram a infância e se embriagaram aproveitando muito daquele final de semana. Na segunda-feira se despediram e cada um voltou para sua casa. Cléverson fez uma estante, bem no meio de sua sala de estar e deixou seu troféu lá. Todos os anos, desde então, ele vai ao rodeio, não para competir, mas para reencontrar seu amigo Chiquinho.

Uma triste história de amor

Kauê de Andrade de Jesus

Depois de um longo dia de trabalho, cheguei em casa, em meio a solidão, fiz o que sempre fazia, tomei um banho, jantei, mas não tirava Sofia dos meus pensamentos. Fui me deitar mas demorei para dormir, sempre que eu fechava os olhos aparecia o rosto dela, escutava a sua voz, sabendo que nesse momento ela poderia estar nos braços de outro e nem sequer sabia da minha admiração por ela. Aí, naquela noite, pensei em fazer uma coisa que nunca tive coragem, contar tudo o que eu sentia, pois já estava cansado de guardar esse sentimento por tanto tempo.

No outro dia acordei deprimido, com um pressentimento estranho, como se algo fosse acontecer. Tomei o meu café, quando cheguei no trabalho fui direto para a minha mesa, não conseguia me concentrar porque só tinha olhos para ela. Percebi que era o momento certo para conversar com ela, então me levantei e fui até lá, a minha mão suave e o corpo tremia, cheguei perto dela e meu coração disparou, eu nunca tinha visto tanta beleza em tão pouca distância, a não ser da vez em que nos conhecemos, quando nos esbarramos no seu primeiro dia de trabalho. A minha boca começou a secar e gaguejando a cumprimentei, e quando ela respondeu, em um flash de tempo lembrei o motivo de eu nunca ter contado pra ela, era a insegurança, o medo e foi pelo mesmo motivo que voltei atrás e decidi não falar, sai correndo, desesperado e todos ficaram sem entender nada.

Eram 11h45, saímos para o horário de almoço, quando voltei, logo percebi a falta de alguém, então notei que Sofia não estava. Fiquei preocupado porque ela não era de se atrasar, o tempo passava e ela não chegava, até que recebemos a notícia de que Sofia tinha sofrido um grave acidente, um carro invadiu a calçada e a atingiu. Naquele momento eu só pensava por que nunca me declarei, por que fiquei sete meses escondendo o que eu sentia e a última lembrança que ficou foi o que aconteceu mais cedo: minha tentativa de declaração de amor frustrada. Essa cena se repetia na minha cabeça.

Sai correndo do escritório e fui direto para o hospital e, dessa vez, iria dizer toda a verdade. A enfermeira me levou para o quarto onde ela estava, ao me ver deu para perceber a reação de surpresa no rosto dela. Provavelmente Sofia pensava: o que um colega de trabalho que trocava poucas palavras com ela fazia ali? A resposta era simples: amor. Foi o que me levou até lá e o que me deu

coragem para desabafar. Ali se passaram 35 minutos e, no final da conversa, Sofia sem entender muita coisa disse que apesar de trabalharmos juntos, conversamos pouco e me via apenas como colega de trabalho. Confusa pediu para que me retirasse. No mesmo momento alguém bate à porta do quarto com um buquê de flores e chocolates. Olhei para Sofia, ela estava com um sorriso no rosto. Deixei aquele quarto sem olhar para trás.

Desde então, me lembro daquele momento todos os dias, de quando feriram o meu coração, levando embora o meu lado bom e os meus sentimentos, restando apenas, raiva e ódio.

Pesadelo sem fim!

Kevinin Michael Taborda Vieira

Em uma calorosa noite de quarta-feira, por volta das 23h37 minutos, eu estava na Rua do Manifesto, no Ipiranga, zona sul, em São Paulo, finalizei meu trabalho neste dia, no Shopping Anália Franco, estava voltando para casa.

Todos os dias pego um carro de aplicativo ou táxi para ir para casa, mas nesse dia eu tinha pouco dinheiro e resolvi ir a pé mesmo. A rua que vai até a minha casa é conhecida como uma das mais perigosas em São Paulo, infelizmente eu não tinha outra escolha e precisava voltar para casa.

Aparentemente só eu estava nesta rua caminhando, nela passavam poucos carros. Vejo que há dois homens suspeitos vindo em minha direção, com barba e cabelos grandes e mal cortados, estavam me olhando sem parar. Isso já estava me dando medo, baixei a cabeça e comecei a caminhar mais rápido e seguindo com o meu trajeto, ainda faltavam cerca de 15 minutos para chegar em casa.

Dou uma olhada pra trás, vejo um rapaz sendo assaltado, esse assalto ocorreu cerca de 200 metros de onde eu estava. O rapaz estava em uma moto de alta cilindrada, os assaltantes eram aqueles mesmos suspeitos. Eles apontavam uma arma de fogo e uma arma branca para o pescoço do rapaz. A arma, consegui perceber, era de calibre 22, e os assaltantes pediram para ele descer da moto. Um dos assaltantes estava muito nervoso e o rapaz que estava sendo assaltado mais ainda. Os assaltantes não paravam de ameaçá-lo, e eu, assustado com o que estava acontecendo, decidi correr.

Eu olho para trás e vejo os dois homens vindo em minha direção, já em cima da moto. Logo me alcançaram e apontaram a arma para mim, falavam repetidamente para eu passar tudo que tinha de valor. Entreguei meu celular, relógio e o pouco de dinheiro que ainda me restava. Os assaltantes saíram rápido com a moto e eu fiquei ali, em pânico ainda.

Gritei por ajuda, estava desesperado e nervoso, ninguém apareceu, passavam poucos carros, e esses poucos também não paravam para ajudar. Eu temia o perigo em cada esquina, pois parecia que a cada passo outros marginais me atacariam, parecia um sonho, ou melhor, um pesadelo.

De fato, era um sonho, quando eu menos espero, acordo com o meu despertador tocando, e eu assustado, percebo que tudo isso foi um péssimo pesadelo que parecia não ter fim.

Penso que foi horrível e desesperador, percebi que há uns anos atrás fui assaltado em uma avenida, e eu tinha recém saído do serviço, naquele momento foi horrível e, desde então, creio que fiquei com medo, e hoje não volto mais pé para minha casa.

Da riqueza à escória do mundo.

Luiz Gustavo Alberton

De uma terra de cinzas, uma nação se ergueu, anos antes, era considerada a maior desgraça do mundo, o produto de apenas uma rebelião de incompetentes esfomeados, porém, sobre a liderança de seu rei, Rudolf, formaram o império de Stormaktstiden.

As terras mais nobres de todo o continente pertenciam à nação e o seu rei, superestimando suas próprias capacidades militares, não se preocupou em melhorar relações. O rei, sempre corria riscos, era temeroso, mas possuía uma grande ganância para manter seu poder, porém, manter seu poder não era a parte mais difícil, mas sim é vê-lo sair de você.

A defesa de Stormaktstiden estava a cargo de três generais, Wilhelm, Nivelle e Herbert, todos descendentes da mesma nação, de regiões diferentes. Rudolf temendo um ataque do sul, da nação de Danska, convocou-os para uma reunião.

Wilhelm não poderia deixar a situação assim, sua região era descendente de Danska, tentou esclarecer:

- Os Danska, são um país ao sul de Stormaktstiden, com poucos aliados e produção de metais baixa, além de seu tamanho extraordinariamente pequeno comparado a nós. Se atacarem, atacam sozinhos, morrerão sozinhos e serão conquistados sozinhos, não há nada a temer.

Herbert possuía um sentimento de rivalidade como uma grande parte dos cidadãos da nação de Danska. Colocou em cima da mesa o mapa do continente e começou a falar sobre uma guerra que formou a nação:

- Em meu ponto de vista como general, guerra nos trouxe a liberdade e trouxe ao país uma grande cicatriz na diplomacia Stormaks-Danska, em nenhuma hipótese poderiam confiar no inimigo. Muitos cidadãos das terras tomadas ainda são hostis a tropas da nação no local. Devemos atacar o quanto antes, assumindo nossa posição como poder dominante do continente!

Nivelle não sabia o grau de importância dessa terra, ele se preocupava geralmente com outras nações ao norte e ao leste, nunca viu o país como uma verdadeira potência. Danska parecia um país completamente insignificante, não possui tropas competentes para desafiar no campo de batalha e nem uma economia próspera.

- Devemos manter uma força perto da borda dos Danska, porém evitar que civis de origem sul entrem em contato direto ou indireto com soldados aliados ou inimigos, já são extremamente hostis ao nosso próprio governo. Apenas a ameaça de uma intervenção pode gerar uma revolta, as nações de Norge ao norte e Ryskol ao leste são um perigo maior ao senhor, podem nos desafiar facilmente.

Sabendo de suas relações com seus vizinhos, Rudolf decide espalhar suas forças, com o pensamento de estratégia em mente, coloca Herbert ao Sul, pelo seu sentimento de rivalidade e manobras; Wilhelm ao norte, uma região com o terreno similar ao de Danska, região de origem e Nivelles ao leste, cuidando de um Império intercontinental, Ryskol. As chances de Ryskol atacar eram mínimas, e através do mar, não haveria perigo intenso nas defesas de Rudolf.

Meses após o debate, o rei adoece, seu império fazia reivindicações de terras e sua morte causaria caos e uma guerra civil. O rei era o único monumento mantendo a nação unida. As tropas, não possuíam moral para lutar por um tirano adoecido.

Os impérios Danska, Norge e Ryskol notaram a fragilidade, com o objetivo de reconquistar as terras perdidas e ganhar todo o dinheiro perdido na rebelião e guerras anos antes, formam uma coalizão contra o império.

Stormaktstiden é invadido e suas chances de ganhar parecem mínimas, porém, Rudolf não deixará saírem de seu alcance. As forças de Herbert, Wilhelm e Neville eram temporárias para atrasar o inimigo, uma invasão de alta escala certamente não será repelida facilmente.

Rudolf, mesmo doente, negando a queda do império, decide ir ao campo de batalha, uma última vez. Estava mais próximo à Danska quando adoeceu, reagrupou forças por vilas e derrubou a linha inimiga, algo não previsto pelos impérios.

Norge e Ryskol estavam preocupados, previram o acontecimento pelo insignificante tamanho de seu aliado e tiraram proveito. Herbert teve suas forças livres, porém, em vez de auxiliar Wilhelm ou Neville, decide manter suas forças como guarnições no território ocupado.

De acordo com a mente cautelosa de Herbert, se os Danska conseguiram empurrar todas as suas forças para trás, Norge as aniquilaria e sua vida e legado militar seria em vão. Bastaria apenas uma derrota para anular mil vitórias no campo de batalha. Esclareceu ao rei:

- Ora, como poderia uma força tão insignificante auxiliar o norte tão gigante?

O próximo alvo será Noruega, Rudolf estava desesperado e sua condição piorava a cada dia, era uma corrida contra o tempo para a sua vitória. As forças chegaram a Wilhelm, porém, os fortes estavam quebrados e era apenas uma questão de horas até chegarem à posição atual.

As forças inimigas eram poderosas de acordo com a experiência de Wilhelm e seu pequeno exército, era apenas uma questão de tempo até um batalhão penetrar suas linhas defensivas e forçar uma retirada da região. Porém, havia algumas esperanças, o rei, tão aclamado entre o exército, estava em comando. Ele se dirigiu ao rei:

- É impossível atacar atualmente, devemos esperar o ataque inimigo e sua fragilidade aparecer, meu lorde.

Rudolf, porém, não pode esperar e utilizando-se do terreno montanhoso, tomando baixas tremendas, conseguiu cercar o inimigo e guiá-lo para fora de seu território. A batalha trouxe descontentamento aos dois lados, Noruega perdeu uma posição montanhosa crucial e, certamente, uma reconquista trará grandes baixas. Seus soldados e os três generais após ouvirem da batalha começaram a duvidar de seu rei, sua teimosia e ignorância pode lhe custar a guerra.

Os avanços do oeste, enquanto temporariamente aleijados, não poderiam ser ignorados tanto quanto Dinamarca. Foi ordenado um recrutamento em massa para reforçar as forças de Wilhelm. E moveu-se em direção a Ryskol, através do mar, porém as tropas de Nivelles não mandavam informações sobre suas posições há tempos.

Ao chegarem à praia, com seu rei à beira de ceder à doença, encontraram resistência pequena, significava a derrota de seu general. Avançando com cuidado, encontraram um campo de prisioneiros, relatando a posição de Nivelles, a informação era crucial, mas o rei estava desconfiado. Perto de um porto haveria suprimentos para suas tropas e estaria o general à espera. E, para esta direção, foi Rudolf deixando uma pequena escolta para os prisioneiros em terra natal.

Estranhamente, foi encontrado Nivelles pelos arredores da cidade, porém, sem outros prisioneiros, as ordens foram de, imediatamente, levá-lo para a cidade mais próxima e reagrupar, futuramente seria útil. Ao chegarem, a cidade estava em chamas, prisioneiros haviam sido mortos ou levados, não havia local para suprir, não

havia nada para fazer. A vitória foi adquirida, porém, a um custo alto, mas o rei não iria desistir completamente, foi traçada uma nova rota para o porto mais próximo e continuaram na esperança da vitória.

Ao marcharem pelas florestas das terras ocupadas de Ryskol, estavam constantemente sendo atacados, não havia descanso, a moral estava baixa e soldados desertaram. Perto de seu destino, o império inimigo previu seus objetivos baseados em rotas tomadas, um dos fatores subestimados pelo seu rei.

Foram interceptados completamente com uma força três ou mais vezes maiores que a sua, a doença de Rudolf fez a diferença durante a batalha, não poderia manobrar ou comandar, mantendo-se longe do combate. Mais de 80% de suas forças recuam ao porto mais próximo, desmoralizados e sem capacidade de lutar.

Em sua viagem de volta, já mais adoecido e fraco, Rudolf é assassinado por um membro de seu exército, à noite, que não foi descoberto.

A realidade do destino de sua causa caiu como uma pedra na mente de soldados leais ao campo de batalha. Sem uma unificação, soldados se rendem ao inimigo, norte ao sul, leste ao oeste. A população começa a se revoltar, não conseguem ver mais um soberano e se virem um soberano, não temerão a ele.

Condenado desde o começo com linhas entrelaçadas em uma armadilha seguida como seu inimigo queria, a queda de seu conquistador e unificador será o último prego no caixão de Stormaktstiden, nunca mais um líder de seu país trouxe esta glória.

Ouvindo sobre a morte de seu rei, Herbert observou a oportunidade perfeita para tomar o poder, declarou uma rebelião e tomou o controle de Danska e a parte que conecta os dois impérios. Wilhelm seguiu o exemplo de seu general ao sul, vendo a fragilidade, rapidamente declara a sua rebelião e, em um acordo, divide a área central de Stormaktstiden.

Os novos reinos declaram guerra contra seu controlador anterior, em uma tentativa de adquirir suporte de Norde, Danska e Ryskol. Nivelte substitui o rei temporariamente e reivindica o trono, mas sem chances de lutar, assina um tratado de paz.

As terras vizinhas de Ryskol são tomadas, os dois reinos rebeldes mantêm-se independentes e com as terras conquistadas durante a guerra, Norde mantém suas

conquistas antes da derrota de seu exército por Rudolf. Reparações de guerra serão pagas pelo reino de Stormaktstiden. Nem em sua morte, o império deixou sua posição, lutou contra tudo e caiu, agora, chegar lá é difícil, mas o mais difícil foi deixar ir.

Encontro impossível

Maria Clara Pommerening

Sou Lil, tenho 27 anos e trabalho de bartender há uns três anos num dos bares mais luxuosos de Seattle. Como sou mulher e trabalho em um lugar normalmente frequentado por homens, sempre há vários olhares me analisando. Já estou acostumada a isso, tanto que nem me incomodo mais. Mas naquela noite um olhar em específico me chamou a atenção, ele estava no canto, sentado sozinho em uma das poltronas. Era um rapaz interessante, vestia uma camisa verde escura que destacava ainda mais os seus olhos, aparentava ser inteligente, tinha um olhar misterioso, porém eu continuei servindo os drinks.

Era sexta-feira, o bar estava bem movimentado. Servi tantas taças, vi tantas pessoas, mas aquele homem continuava chamando a minha atenção. Ele não desviava o olhar de mim. Isso me deixou um pouco desconfortável, afinal eu estava num ambiente de trabalho. No balcão, em minha frente, todas as cadeiras estavam ocupadas, vários homens bêbados dando em cima das mulheres, uma cena muito comum de se ver por aqui. Espalhadas pelo bar havia as poltronas de veludo vermelho o que davam um aspecto sofisticado ao bar, em frente ao balcão ficavam as mesinhas altas de dois lugares para os casais, sempre há muitas pessoas se conhecendo aqui.

Eram 4 horas da manhã quando o bar começou a esvaziar, o moço permanecia no mesmo lugar. Cheguei a pensar que ele me chamaria pra sair. Entrei na cozinha para pegar as minhas coisas e ir embora, quando voltei, ele já não estava mais lá.

Naquele dia era a minha vez de fechar o bar. Conferi as janelas, observei se alguém havia deixado algo para trás, acontece muito isso aqui. Apaguei as luzes e saí. Havia dois carros no estacionamento, o meu e uma Evoque branca, tinha os vidros escuros não era possível ver se o carro estava vazio ou se tinha alguém dentro. Tranquei o bar e entrei rápido no meu carro para ir pra casa, as ruas estavam silenciosas, não havia nenhum carro sequer.

Já em casa, subi as escadas entrei e fui até a cozinha fazer uma xícara de chá, meu costume quando chego após uma noite movimentada. A água esquentava, quando percebo, pela janela, aquele carro que estava no estacionamento, agora

estava estacionado em frente a minha casa. Fechei as cortinas bem rápido, esperava que não tivesse dado tempo de ele ver muita coisa.

Estava cansada, um banho faria bem. Ao deitar na cama, o primeiro pensamento que veio em minha mente foi aquele homem. Achei que por estar cansada iria dormir logo, mas isso não aconteceu. Eu estava inquieta, com pensamentos confusos e, quando olhei pela janela, o dia já estava amanhecendo.

Entre pequenos cochilos inquietos, levantei da cama, já eram 11 horas. Não tinha nada em casa para fazer o almoço, fui até o mercado comprar algumas coisas. Estava pegando alguns tomates quando uma pessoa esbarrou em mim. Parecia ser o homem do bar, mas ele passou muito rápido não pude perceber. Será que realmente era ele? Não sei o porquê, mas ele não sai dos meus pensamentos.

Fui para casa para fazer o almoço e lá estava aquele carro de novo, mas continuei cozinhando, almocei e fui lavar a louça comecei a encarar o carro para ver se tinha alguém dentro dele. Logo ele foi embora. À tarde fiquei em casa, pois à noite seria um dia movimentado no bar, haveria música ao vivo e as pessoas aqui da cidade adoram isso. Como não conseguia dormir de jeito nenhum aproveitei a tarde para organizar o apartamento, coloquei uma música para ouvir e, no final da tarde, fui ler um livro. No entanto minha cabeça estava em outro lugar, não conseguia me concentrar.

Eram 23 horas quando cheguei ao bar, logo em seguida o movimento começou, acho que atendi mais de 500 pessoas, confesso que me pegava parada olhando para aquele canto onde estava aquele homem, mas hoje ele não estava ali. Acho que eu estava esperando ele aparecer, mas isso não aconteceu, fui para casa e me deitei para dormir. O dia seguinte seria ainda mais longo, pois o expediente iniciaria mais cedo.

Hoje o bar abre às 17horas, era pra ser um dia calmo, mas as pessoas resolveram vir todas para cá. Eram 20h45min quando ele entrou, estava com uma camiseta branca, ele era realmente muito bonito, parecia que estava procurando por alguém, não parava de olhar ao seu redor. Continuei trabalhando ou ao menos tentei, a presença daquele homem mexia comigo. Ele já estava me encarando fazia um tempo, tive vontade de ir falar com ele, mas a insegurança foi mais forte, quando percebi ele já tinha ido embora e logo o bar já iria fechar.

Fui para casa deitei na minha cama e demorei para dormir, fiquei pensando naquele homem, porque ele vai ao bar se nem ao menos bebe alguma coisa? Por que ele me olha daquele jeito? Será que eu o conhecia de algum outro lugar? Muitas coisas passaram pela minha cabeça, esse homem realmente mexe comigo, mas o porquê eu não sei, nem o nome dele eu sei ainda.

Mais um dia de trabalho começou, estou sentada atrás do balcão esperando os clientes chegarem. Eu esperava por um em específico, mas ele ficou sem aparecer por alguns dias. É estranho sinto a sua falta sem nem mesmo conhecê-lo.

O bar já estava quase fechando quando ele apareceu se sentou na minha frente e pediu duas taças de gin, ele pegou uma e me entregou a outra e saiu, o que me deixou ainda mais confusa, ele ficou no mesmo lugar e, como sempre, me observando. O bar fechou e quando cheguei no estacionamento ele estava lá.

O céu estava estrelado e a lua cheia, eu estava deitada no chão, podia sentir o sangue escorrendo pelas minhas pernas, meus olhos começaram a fechar devagar e a última imagem que eu vi foi dele indo embora, eu fui apenas mais uma de suas vítimas.

O caso das 20 mulheres

Maria Eduarda Almeida

- Hoje, no programa, iremos falar sobre o livro de Sarah Camargo “O caso das 20 mulheres”. Bom dia Sarah que prazer ter você aqui em meu programa. Para começar me conte um pouco sobre você.

- Bom dia John, meu nome é Sarah Beatriz Camargo, sou desenhista, e escrever é o meu passatempo, este é o primeiro livro que publiquei, estou muito agradecida a todos que tiraram um tempinho para ler o meu livro.

- Você poderia contar sobre o que fala seu livro?

- Bom, meu livro vai contar sobre uma experiência que vivi há um ano. Era uma segunda-feira, acordei super cedo para ir ao meu ateliê, deixei meu filho em casa, com a empregada, pois meu marido logo iria trabalhar. Eu e minha equipe estávamos organizando um evento que iria ser realizado para ajudar o Orfanato Raio de Sol, passei a manhã inteira no trabalho, pois o evento seria dali a dois dias.

Ao meio dia voltei para casa, chegando lá, vi que meu marido Diogo, já estava em casa, pois seu carro já estava na garagem. Entrei, tirei meus sapatos, meus pés doíam tanto, estava exausta, já fazia uma semana que organizávamos os preparativos para o evento.

Ao entrar na cozinha senti um cheiro maravilhoso, Dona Cecília, nossa empregada cozinhava muito bem, avistei meu marido servindo o almoço para Miguel nosso filho, dei um beijo neles e me sentei à mesa.

Quando terminamos de comer meu marido me chamou, falou que queria falar comigo e, nessa conversa, ele contou que seu chefe o havia indicado a um cargo muito bom em uma empresa de advocacia, mas o problema era que ficava em outra cidade, Osasco, ele queria saber o que eu achava e o que iríamos fazer.

Passaram-se dois dias, e eu e Diogo ainda estávamos pensando na possibilidade de nos mudarmos. À noite tivemos o evento no ateliê, foi tudo maravilhoso, muitas pessoas contribuíram para ajudar o orfanato, quando chegamos em casa, eu e meu marido fomos conversar. Vimos que a mudança seria muito boa para nós, eu poderia deixar o ateliê para Paula, irmã de Diogo cuidar e montar o outro em Osasco.

Depois de uma semana, começamos a arrumar a mudança e no dia 9 de agosto eu e minha família nos mudamos, lembro como se fosse ontem. Estávamos muito felizes e empolgados com a casa nova.

Fomos conhecer a cidade, tão linda, as pessoas eram muito gentis. Havíamos escolhido nossa casa por uma corretora online, finalmente veríamos de perto, era tão encantadora, com um jardim grande para o nosso filho brincar.

Estávamos descarregando nossa mudança quando uma moça apareceu em nosso portão, tão simpática seu nome era Amélia, nos deu as boas vindas e mais tarde voltou com um bolo e disse ser nossa vizinha e, já de chegada, nos chamou para jantar em sua casa.

Amélia era uma moça de 28 anos, ela morava com Carlos seu amigo, sua gata Thereza e seu cachorro Thor, era dona de um dos maiores restaurantes de Osasco, a comida dela era maravilhosa realmente era uma ótima cozinheira. Logo nos tornamos amigas, ela era muito divertida, estava sempre animada, Diogo gostou muito de nossos vizinhos, ficou conversando com Carlos durante o jantar e Miguel amou a Thereza e o Thor.

Depois do jantar estávamos exaustos, tomamos banho e fomos dormir, mas de madrugada por volta de duas horas, eu e meu esposo escutamos um som vindo do porão, pensamos que poderia ser algum bicho que por algum cantinho deu um jeito de entrar. Mas o barulho não cessou, parecia ter alguém andando em nosso porão, descemos para ver acendemos as luzes e nada. Isso se repetiu por algumas semanas.

Como esse barulho não parava, já estava ficando preocupada, comentei com Amélia sobre o acontecido, e ela me contou uma história que me arrepiou até hoje, falou que o antigo morador da casa, César, era perigoso, havia matado suas duas filhas, sua mulher e mais 4 mulheres, mas a polícia suspeitava que ele havia cometido outros crimes.

Disse Amélia que a única coisa que a polícia descobriu foi o padrão das mortes. Ele matava mulheres que tinham idade entre 25 e 45 anos, bem sucedidas e que moravam sozinhas. Fiquei morrendo de medo, então quando cheguei em casa falei com o meu marido e ele, vendo o meu estado, decidiu colocar uma câmera no porão.

Naquela noite, eu esperava ver o que acontecia lá em baixo. Como esperado às duas do amanhã ouvimos os passos, meu filho Miguel, correu para o nosso quarto, ficamos olhando as câmeras, mas não estava acontecendo nada lá embaixo, não vimos nada!

Não conseguíamos dormir, aquilo não fazia sentido, nós ouvíamos os passos, mas não tinha ninguém. Estava com medo, mas meu lado racional pensava que aquele barulho podia ser só o vento ou algum bicho mesmo. Com o cansaço, acabamos adormecendo.

Passei o dia pintando uma tela nova e procurando um local para meu novo ateliê. Meu marido e meu filho logo chegaram, jantamos, assistimos a um filme e fomos dormir.

Quando eram duas da manhã, ouvimos novamente o barulho, só que um pouco mais alto, fiquei com o meu filho no quarto enquanto Diogo foi olhar se achava alguma resposta para os barulhos, os minutos se passaram e ele voltou, não havia visto nada. Ele e Miguel voltaram a dormir, depois desses barulhos de hoje vi que aquilo não podia ser só o vento ou um bicho.

Decidi que na manhã seguinte, quando meu marido fosse trabalhar e meu filho fosse para a escola, como eu estava de férias, iria descer até o porão e ver se não tinha mais nenhuma entrada para a casa.

Foi o que fiz: desci até o primeiro andar, fiz um chá e fui pesquisar um pouco sobre o César, para ver se encontrava alguma coisa que o ligava aos passos que estava ouvindo. Alguns minutos depois meu marido acordou, tomou café e foi trabalhar.

Quando estava lendo as notícias, descobri que César tinha um filho, com a morte da mãe e das irmãs mais velhas, sua tia Carol ganhou sua guarda e o levou para morar no sítio com seus primos e tio.

Li que a polícia desconfiava que mais 12 mulheres haviam sido mortas por ele. A mulher e as duas filhas, a polícia tinha certeza de que ele havia assassinado. Ele ainda avisava a polícia sobre o sequestro que realizava, sempre às duas horas da manhã. Isso demonstrava que ele não tinha medo queria que a polícia descobrisse o que ele fazia, parecia um jogo.

Fiquei ainda mais preocupada, pois às duas da manhã, o mesmo horário que ele ligava para a polícia, eu ouvia os passos na antiga casa dele. Hoje eu moro

aqui...Li ainda que já fazia três anos que a polícia estava atrás dele, mas não o encontravam.

Já eram 10 horas então resolvi parar de pesquisar e ir acordar meu filho para ele tomar banho e se ajeitar, pois à tarde iria para a escola. Em seguida fui começar a fazer o almoço. Quando meu marido chegou, nós três nos sentamos à mesa e comemos. Fui ajudar Miguel a terminar de se arrumar, e Diogo se arrumou para voltar ao trabalho. Quando os dois ficaram prontos nos despedimos, e eles foram cada qual para seu compromisso.

Não demorei nem um minuto. Peguei uma lanterna caso precisasse e uma garrafa d'água. Desci. Havia um cheiro podre por todo o lugar. Estava nervosa, mas tinha que ver o que acontecia no porão. Olhei canto por canto, porém não havia nada. Estava cansada, então me encostei na parede lateral para beber água. Notei que a parede parecia oca, se tivesse me encostado mais um pouco ela quebrava.

Peguei um machado e bati na parede. Poeira e mais alguma coisa veio para cima de mim. Fiquei desesperada. Era um cadáver. Estava horrorizada, fiquei em choque e comecei a gritar, um homem veio para cima de mim, perguntando o que eu havia feito, que eu não devia estar mexendo ali. Ele era jovem, tinha o cabelo preto e seu rosto lembrava alguém. Eu não conseguia dizer nada. Ele estava ficando irritado, pois eu não respondia nenhuma de suas perguntas, até que ele começou a me enforcar.

Eu me debatia, mas não conseguia tirá-lo de cima de mim, até que ouvi uma pancada. Ele caiu para o lado e vi Amélia com a pá do jardim em mãos. Levantei rapidamente e a abracei. Ela falou que ouviu meus gritos e veio ver o que estava acontecendo, em seguida ligamos para a polícia.

Contamos sobre o acontecido e que o homem que me atacou estava caído no porão. Eles foram até lá, mas não o encontraram. O policial Logan, nos fez umas perguntas sobre o que havia acontecido na minha casa. Eu não conseguia me concentrar no que ele falava, pois eu sabia que já tinha visto aquele rosto em algum lugar. Acabei nem o respondendo só subi correndo para a minha cozinha onde estava meu notebook, abri na notícia que mostrava a foto do filho de César, Lucas, com certeza era ele.

Logan encaminhou uns policiais para a casa de Carol, tia de Lucas, outros para procurar pelas ruas e uns ficaram para tirar os corpos das paredes. Tudo aquilo

parecia cena de filme. Logo Diogo chegou, estava preocupado, falou que deixou nosso filho na casa da mãe dele, pois o avisaram do que tinha acontecido.

Depois de algumas horas os peritos conseguiram tirar todos os corpos. Eram no total 20 mulheres e 1 homem. Os corpos foram levados para os legistas poderem examinar e descobrir quem eram.

Passaram-se dois dias do ocorrido. Eu não consegui sossegar, não parava de pensar em César e nos corpos. Não conseguia nem dormir. Eu, meu marido, e meu filho fomos para a casa da minha sogra, pois não conseguiria ficar mais naquela casa.

Quando eram 16h35minutos, recebi a ligação do policial Logan. Ele falou que acharam Lucas, e que era para eu ir até a delegacia para confirmar se era ele, Logan contou que ele estava tentando sair da cidade, mas um policial o reconheceu.

Tomei um banho e me arrumei, e fui com o Diogo até a delegacia. Chegando lá pude confirmar que era ele. Os investigadores contaram para nós que há três anos Lucas se encontrou com o pai que contou tudo o que fazia com as mulheres, Lucas decidiu seguir os passos do pai, mas no mesmo ano o pai morreu de Cardiopatia Isquêmica então Lucas o mumificou e o colocou junto de sua mãe e irmãs, nas paredes do porão de sua casa antiga.

Descobriram também que as nove mulheres que César matou tiveram um caso com ele. Sua esposa e filhas também foram assassinadas. Era uma longa história de mortes e sofrimento.

Os passos que ouvíamos à noite era Lucas vindo colocar os corpos nas paredes do porão, às vezes ele ia só para ver os corpos, pois para ele era uma vitória, eram seus troféus.

Depois de quase uma semana, os legistas conseguiram identificar as vítimas. Foi tudo muito triste, pois os pais, parentes e amigos das mulheres ainda tinham esperanças. Foi um choque para todos, mas fico aliviada de que César não fará mais nenhum mal a ninguém e nem Lucas pois passará o resto de sua vida preso.

Eu e minha família decidimos nos mudar para outra casa e recomeçar. Estamos muito felizes com a casa nova, e com o novo integrante da família. Estamos nesta casa já faz quatro anos e é sobre esta experiência que eu e minha família passamos que meu livro “O caso das 20 mulheres” vai contar.

- Nossa Sarah que história arrepiante, você foi muito corajosa, parabéns pelo livro. Dentre essas coisas que você falou, o que tem de inédito no livro?

- Obrigada John. O que tem de inédito no livro são as homenagens que os familiares e amigos escreveram sobre as mulheres, essa é a parte mais emocionante do livro, com certeza essas mulheres guerreiras serão lembradas por todos nós.

Noite de paixão

Maria Eduarda Rosa

Na capital do Rio de Janeiro morava Jade, uma garota muito bela, a mais linda de todas, aquela que qualquer um para e faz questão de olhar. Seus cabelos eram longos e castanhos, levemente ondulados. Seus olhos verdes e um sorriso encantador. Jade tinha um metro e setenta de altura e era encantadora.

Jade estudava em uma escola particular, ela era bolsista e diferente das outras garotas não estava nem aí para garotos, para ser descolada ou algo do tipo ela queria apenas estudar e ser a melhor.

Todos os meninos de sua idade a desejavam e as menina a invejavam, Jade roubava a atenção de todos sem esforço algum. Ela era muito dedicada e surpreendentemente inteligente.

Ela não tinha muitos amigos, apenas Camila que, por incrível que pareça, era completamente seu oposto. Descolada e muito rica. Os pais de Camila deixavam tudo e, às vezes, ela passava dos limites.

Uma festa estava para acontecer e, é claro, quem organizou tudo foi Camila. E dessa vez ela havia caprichado, festa na piscina com direito a tudo que se possa imaginar, todos enlouqueceram com a ideia e estavam muito ansiosos para ir.

Chegou o grande dia, a festa começava às duas horas da tarde e só acabaria de manhã. Todos muito bem arrumados as meninas disputando qual biquíni seria o mais bonito, qual chamaria mais atenção dos garotos e todas essas futilidades.

Os convidados começaram a chegar e como sempre quem mais chamava atenção era Jade, mesmo sendo a única que não fez esforço nenhum, colocou seu único biquíni fez um rabo de cavalo e foi.

Havia um garoto, que sempre chamou atenção de Jade. O Gustavo, garoto com poucos amigos. Nesse dia, ele se aproxima de Jade sem más intenções, fica horas conversando com Camila que é muito sua amiga, os três ficam um bom tempo trocando ideias.

Camila se afasta para resolver os detalhes que aparecem durante a festa e os dois aproveitam para dançar, cantar e se divertem muito, dão mergulhos na piscina, tiram fotos e curtem de uma forma inesquecível. Criam uma conexão que não se encontra com qualquer um.

Em meio a bebidas e conversas ao chegar à noite rola um beijo, o primeiro e maravilhoso beijo de Jade. Ela sentia uma conexão incrível e inexplicável com ele, como se fossem feitos um para o outro, um garoto tão bom, simpático e legal. Tudo parecia um sonho.

O final da noite foi assim beijos e abraços, eles pareciam mesmo ter uma conexão de tempos. Gustavo apresenta Jade aos seus amigos, se enturmam e curtem muito o momento.

O dia estava para amanhecer, Gustavo se despedia de Jade, totalmente encantado e bobo, com futuros planos de sair no dia seguinte, ele se sentia diferente, bom, apaixonado...

No final da noite ao se despedir o inesperado acontece, ao se olharem olho a olho enquanto Gustavo se afastava uma tragédia. Gustavo é atropelado na calçada por um motorista alcoolizado e em alta velocidade.

O corpo de Gustavo é jogado longe, todos aterrorizados chamam a ambulância e permanecem ainda sob o efeito do choque. Jade, aterrorizada, viu seu sonho se tornar pesadelo em um piscar de olhos, e correu, correu muito até ele. Mas a única coisa que poderia fazer era sentir a dor, a dor de um amor curto e perfeito.

Ela viu Gustavo partir em seus braços, a ambulância chega e já é tarde, não se pode fazer mais nada.

A curta noite de amor e uma possível futura paixão acaba por ali, junto com a breve vida de Gustavo. Vítima de um acidente trágico. Restaram apenas boas lembranças e saudades. Jade nunca mais foi capaz de amar. Porém dedicou sua vida a salvar outras.

Momentos

Maria Eduarda Xavier Rigon

Amy, era uma garota deslumbrante, tinha longos cabelos castanhos, olhos cor de mel e, além de tudo, era uma menina doce e de riso solto, tinha uma imensidade de sonhos a realizar e era muito esforçada em seus estudos. Tinha por meta ser uma mulher bem-sucedida na vida, Amy estava no auge dos seus 18 anos e prestes a concluir o ensino médio.

Estava na metade do seu ano letivo e muito empolgada com “O Baile de Inverno” que iria acontecer no seu colégio. Estava tão indecisa com seus sapatos, qual combinaria mais com seu vestido... Seria o baile mais importante do ano para ela, pois seria o último baile onde encontraria todos seus amigos e colegas de turma.

Amy era presidente do grêmio e todos os anos no grande “Baile de Inverno”, os presidentes faziam seus discursos de agradecimentos a alunos e demais convidados. Era sua primeira vez discursando em um Baile, no coração dela estava uma mistura de ansiedade, medo e nervosismo, ela sabia o que falar, mas tinha medo de sua vergonha a atrapalhar na hora de discursar.

Durante o ano eram distribuídos diversos convites para o baile, a entrada só era permitida para convidados com mais de 18 anos, pois durante a festa haveria drinks alcoólicos.

O Baile todos os anos atraía diversas pessoas, desde alunos atuais, até alunos antigos, e amigos dos próprios alunos. Os convites eram entregues em mãos e, no dia do baile, todos os convidados deveriam levar um documento comprovando a sua idade e o convite.

Enfim, chegou o grande dia, “O Baile De Inverno”, Amy foi uma das primeiras a chegar e atraiu diversos olhares. ela estava realmente linda, com seu vestido vermelho longo, com brilhos e pedrarias, com um salto prata com sola vermelha e com um sorriso encantador. Ela estava nervosa, dava para ver em seu olhar a ansiedade e o medo que habitavam nela naquele momento.

Durante o Baile chegou seu momento de falar, subiu ao palco e fez o seu discurso com pressa, pois estava nervosa e com seu coração literalmente quase saindo pela boca. Ao findar sua fala, agradeceu e retirou-se com pressa, muito nervosa, sem conseguir ver o que estava a sua frente. Descendo os degraus do

palco esbarrou em um garoto e só não caiu porque ele a segurou pela cintura para não deixá-la cair. Ele pediu para ela ter cuidado e olhou para ela rindo e perguntou-lhe:

- Você não é garota que estava falando no palco agora mesmo? Como é mesmo seu nome?

Ela envergonhada e sem jeito lhe disse:

- Ah, oi, era eu mesma, sou Amy, me desculpe...

Amy estava impressionada com aquele garoto, o jeito que ele a olhava...ele

- Prazer, eu me chamo James.

Ela gaguejou ao falar:

- Oi James, o prazer é todo meu, obrigada por me segurar, mas tenho que ir. E se afastou, dando lugar aos casais que dançavam e tomavam o salão.

James tinha se formado há pouco tempo na escola e nunca deixava de frequentar os famosos “Bailes de Inverno”. Ele tinha olhos castanhos esverdeados, cabelos pretos e um sorriso gracioso. Havia nele muito medo de se apaixonar ou até mesmo de demonstrar sentimentos a alguém, diferente de Amy que muitas vezes demonstrava até demais.

Ele precisava ir para casa, pois já estava tarde, então pede para uma sua amiga, Catarine, entregar um correio do amor a Amy com seu número de telefone e suas iniciais. Ao receber o correio do amor, Amy lê e já imagina que seria James, ela o procura com seus olhos, mas ele já havia ido embora.

Amy vai para sua casa com esperança de poder rever James em breve, ao chegar, senta-se na sua cama e adiciona o número de James. Pensa muito antes de mandar mensagem a ele. Perguntava-se se deveria ou não e criando várias teorias do que podia acontecer.

Mas o desejo era mais forte e ela envia uma mensagem que dizia “Oi James, aqui é a garota que esbarrou em você durante o baile, lembra de mim? ;)”. Aguardar a resposta era torturante...

James estava no banho e, ao sair, seu celular recebe uma nova notificação. O sorriso é inevitável quando vê o nome de Amy na notificação, não pensa muito e logo a responde: “Oi Amy, como eu poderia esquecer uma das mulheres mais lindas que já conheci?” Assim os dois começam a conversar, através da tela do celular, saem risos, caretas e até mesmo ligações.

Durante uma conversa, ele a chama para sair, mas Amy vivia ocupada com os afazeres de seu colégio e quase nunca podia dispensá-los. Mesmo assim o desejo de encontrá-lo era forte. Em um sábado a tarde, ela envia uma mensagem a James, perguntando o que ele estava fazendo e se os dois poderiam sair durante a noite, ele disse que poderiam ir ao cinema, ela concordou e disse que se encontrariam lá.

Era o primeiro encontro de Amy e James, ela estava ansiosa e querendo que aquele momento chegasse o mais rápido possível. Ele estava tranquilo, mas queria ver Amy e estava com um novo sentimento em seu coração, ele sabia que era ela, ela era a garota certa, ele não sabia como, apenas sabia que era ela.

Eles combinaram de se encontrar em um cinema, no centro da cidade, às 20 horas. James chegou antes e comprou as entradas. Ela se atrasou e chegou se desculpando pelo atraso, ele sorriu, pois achou fofo o jeito que ela tentava se desculpar, mesmo sem ter feito nada demais, eles compraram suas pipocas e entraram na sala de cinema.

Acharam duas cadeiras bem no centro da sala, era o lugar perfeito, se sentaram e o filme começou. Era um filme de suspense, e cada susto que ela levava, ela segurava mais forte em sua mão, ele estava gostando, pois significava que ela se sentia segura ao seu lado, cada vez mais ele tinha certeza de que Amy era a mulher de sua vida.

Em uma das cenas finais do filme, James colocou a mão sob as coxas de Amy e acariciou suas pernas, ela olhou no fundo dos seus olhos e sentiu o calor subir em seu corpo, chegou cada vez mais perto dele. Seus lábios tocaram os dele, era um beijo especial. Talvez tivesse nascido de uma antiga conexão, Amy distancia seus lábios de James e sorri, as luzes se acendem e eles percebem que nem viram o tempo passar e que realmente não queriam que aquele momento acabasse tão cedo.

Ao sair do cinema, James diz:

- Amy, se você não se importar posso te levar até sua casa?

Ela sem pensar muito, responde:

- Se não for incômodo para você, eu gostaria sim...

Os dois entram no carro e ela começa a puxar papo sobre o filme. O caminho até a casa foi curto e o tempo parecia parar quando eles estavam juntos. Ao chegar

em frente à casa de Amy, James para por um instante e seus olhos encontram os dela. Ele sabia que estava se apaixonando por ela, mas não queria admitir.

Amy não hesitou em beijar os lábios de James novamente, as mãos de James entrelaçavam os cabelos de Amy e o corpo dela arrepiava cada vez que ele passeava com sua mão sobre o corpo dela. Ambos queriam ir mais longe naquele momento, mas aquele não era o lugar e nem a hora certa, afinal estavam em frente a casa dela, então se despedem com um beijo de curta duração, ela sorri e entra em sua casa.

Ao deitar em sua cama, ela se lembra de James e dos momentos que tiveram naquela noite. Foi incrível! Estava com saudades já. Será que finalmente o sentimento seria recíproco?

Ao reparar que não parava de pensar nele, ela decide enviar uma mensagem dizendo que a noite tinha sido incrível e que ela estava com saudade dele já. Ele respondeu na mesma intensidade e disse que estava animado com a situação. E os dois ficaram trocando mensagens e áudios até de madrugada. Havia sorrisos espontâneos até mesmo por trás da tela do celular.

Uma semana depois do primeiro encontro, ele a convida para ir até uma praça no centro da cidade no final da tarde, para ver o pôr do sol. Ela aceita e ao chegar lá, havia um piquenique para os dois, ela fica surpresa e sorri. Ela se senta ao lado dele e olha nos seus olhos e diz a ele que está apaixonada por ele e que não sabe mais como esconder isso. Então ele ri e ela pergunta:

- James, estou falando sério, porque você está rindo?

Ele a responde:

- Amy, tenho que te falar a verdade, estou apaixonado por você desde a primeira vez que te vi, e cada dia tenho mais certeza que quero você como minha mulher.

Ela suspira:

- Ufa, ainda bem, achei que tinha dito alguma besteira.

Os dois assistem ao pôr do sol e trocam beijos e carícias durante o final daquela tarde. Anoitece e ela tem que ir para casa, eles vão andando e ao chegar ele a puxa pela cintura e agradece a Amy por ter entrado em sua vida. Ela fala que ele foi a melhor coisa que já teria acontecido na vida dela. Eles se despedem e Amy vai para casa, a cada passo, olha para trás e sorri para James que ainda estava ali.

Foram seis meses nos quais cada dia eles se apaixonavam mais. Diversos encontros em praças, cinema, jantares e encontros em casa. Ele finalmente sentiu que era a hora certa, tinha certeza que a queria para sempre. Estava nervoso e não sabia como faria isso, sua mão tremia, seu corpo sofria com calafrios e seu coração acelerava só de pensar no momento,

Naquele dia, James manda uma mensagem a Amy perguntando se eles poderiam sair hoje, ela diz que tem aula, mas depois da aula, sem problemas. Ele tinha planejado tudo, falado com a diretora do colégio, com os pais de Amy e com seus amigos, era para ser o momento mais especial da vida dela

No final da sua aula, sua amiga pede para Amy ir junto com ela no ginásio da escola, pois precisava pegar uma bola, Amy nem desconfiava do que a esperava, ao chegar no ginásio, encontra James com um buquê de rosas vermelhas e duas alianças em sua mão, ela se emociona e uma lágrima escorre sobre seu rosto, ela chega cada vez mais perto, ele se ajoelha na frente dela e pede:

- Amy, eu nem sei como começar isso, mas você entrou na minha vida quando tudo era turbulência e em meio a uma tempestade, você foi o meu arco-íris, quando eu pensei que tudo ia desmoronar, você me segurou e me fez sorrir novamente, me fez perceber o verdadeiro sentido da vida, e hoje eu tenho certeza que quero você na minha vida para sempre, quero você ao meu lado para tudo, e por isso eu vim aqui hoje pedir, quer namorar comigo?

Ela no meio de tantas lágrimas, disse:

- SIMMMMM!! Ufa achei que nunca iria pedir.

Todos os presentes riram com a resposta de Amy, aquele dia teria ficado marcado para os dois, era o início de um novo ciclo e de uma nova fase, na vida de ambos.

Alguns dias após o pedido, Amy decidiu que talvez fosse o momento certo para eles darem um passo à frente na relação de ambos, finalmente estava na hora, ela mandou uma mensagem a James pedindo se eles poderiam se encontrar e que ela estava preparada para eles darem um passo a mais na relação deles.

No fim da tarde, Amy pediu para sua mãe levá-la até a casa de James, ao chegar lá, James diz a Amy que estava sozinho em casa e seus pais só voltariam no outro dia. Ela ficou animada e disse para entrarem. A TV estava ligada, sentaram na cama dele, e começaram a assistir ao filme. Depois de um tempo, ela pensou que

era a hora, Amy se atira para cima de James, quando Amy se dá conta ele está com seus dedos entrelaçando o seus cabelos e puxando para baixo, deixando ela com o rosto para cima, tendo poder sobre Amy, ele passeia com seus lábios sobre o corpo de Amy, ele sobe até seu ouvido e sussurra:

- Shhh! Deixa comigo!

Ela se contorce na cama e solta pequenos gemidos com seus lábios entreabertos, Amy sente sua pulsação acelerando, aperta seus olhos e abre um sorriso malicioso enquanto ele passa seus lábios no corpo dela. James a coloca em pé, em sua frente e fica de joelho enquanto ela sentia sua boca percebia o quanto aquilo era tão inesperado e sensual ao mesmo tempo. Eles se deitaram na cama dele... Tudo foi lindo!

James foi para o banho e ela se perdia nas lembranças da boca e das mãos de James e dele dentro dela, lembrava de como o toque dele a deixava sensibilizada e com um tipo de formigamento em todo seu corpo.

Depois de passarem a noite juntos, Amy foi para sua casa e só queria reviver aquele momento em breve. Aconteceu em vários outros momentos e lugares que eles tivessem oportunidade.

Já estava na hora de eles contarem para os pais de James, afinal os pais de Amy já sabiam há muito tempo. então ele resolveu preparar um jantar para apresentá-los, foi uma noite de boas risadas e Amy se sentiu muito acolhida pelos pais de James.

Naquele dia, Amy decidiu fazer uma surpresa para James. Foi até sua casa para contar que ela havia sido aprovada nos testes de motorista e que agora poderia dirigir. A porta estava encostada e ela bateu, quem atendeu foi a mãe de James, disse que ele estava no quarto e que poderia entrar. Ele adorou a surpresa, passaram o dia todo juntos, assistindo a filmes e namorando... Era final de tarde e ele decidiu tomar banho, pois ela queria levá-lo para dar uma volta, agora que ela poderia dirigir.

James deixou o celular sobre a cama, ao lado de Amy, enquanto ela o esperava sair do banho, no celular dele começaram a chegar diversas notificações. Ela ficou preocupada e olhou para ver se era algo urgente ou seus pais mandando mensagem. Ao olhar o celular de James, vê que aquelas mensagens eram de uma ex-namorada dele, dizendo que precisava o encontrar novamente.

Amy entendeu aquilo como uma traição e nem quis saber se era verdade ou não. James saiu do banho e viu Amy chorando e com o celular dele em sua mão, os dois começaram a discutir e ela nem quis ouvir suas explicações, saiu da casa de James correndo.

A mãe de James tentou falar com ela, mas ela não queria conversar, ela abriu a porta ele segurou o braço dela, mas ela gritou para ele soltá-la e disse que estava tudo acabado e que jamais imaginaria que ele faria aquilo com ela. Pegou a chave do carro e saiu correndo.

Estava anoitecendo, ela parou o carro naquela praça onde eles sempre iam. ela tentava entender porque aquilo teria acontecido. No celular havia diversas ligações perdidas, mas ela não queria atender nenhuma. James queria explicar a ela que sua ex-namorada queria falar sobre o cachorro que os dois eram tutores. Não havia traição.

Mas Amy selaria seu destino... Passou peã praça, acelerou e chorando muito, perde o controle do volante. Tudo a sua volta escurece, seu carro colide com outro carro em alta velocidade. O carro de Amy capota e ela fica presa nas ferragens e, com o impacto, quebra o pescoço, o que a leva a morte instantaneamente.

No outro carro, o motorista sofre apenas pequenos arranhões. Ao informar o acidente, a ambulância vai rapidamente ao local. Amy já não estava mais lá, não havia mais jeito de ela voltar. Seus pais não acreditavam. James foi chamado... Ele também não acreditava...

No velório de Amy, durante a homenagem, ele só sabia chorar, no momento final disse a todos que um dia alguém havia lhe dito que o amor é raro, e que a vida seria um sopro, mas infelizmente ele não acreditou, até que perdeu Amy, aí sim ele entendeu que o tempo não voltaria nunca mais...

Um curto relato de inverno

Rodrigo Pelegrini Gerhardt

O inverno chegava, uma chuva atrás da outra, já anunciava o canal da televisão a que eu e meu pai assistíamos toda manhã. Lá vinha a sensação de rachar os lábios.

Todo dia, às seis horas em ponto eu acordava e a rotina era sempre a mesma, tomava banho e em seguida colocando o uniforme sabia que aquele dia seria puxado.

Enquanto esperava meu pai acordar, passava o café no fogão da cozinha, aquele cheiro tomava conta da casa, com aquela jaqueta peluda eu ia eu tomar meu café do lado de fora de casa, só para sentir aquela brisa fria da manhã bater em meu rosto. Em pleno meio de abril quando as temperaturas não passavam dos 10 graus, a geada cobria todo o quintal, aqueles leves tons claros tendendo ao branco me lembravam de quando era criança e ia junto com meu irmão ver a geada no terreno em frente à casa dele.

Todo aquele clima, como era bom parecia que todo mundo ficava mais aconchegante. Chegar à escola, aquela sala gelada e a maioria dos meus amigos com resfriado, fazia eu entender o sentido do inverno. Fazer Educação Física todo empacotado e cheio de blusas mal nos mexíamos, era um dos problemas do frio. Ficava esperando bater o sinal para o intervalo, ver meus amigos da sala vizinha, e comer um lanche da cantina do colégio, fazer as provas no final do segundo bimestre e ter aquele frio na barriga na hora de saber a nota.

A aula acabava e cada um ia pra sua casa, para se despedir, um abraço nos mais próximos para tentar se esquentar um pouco mais.

Os almoços de inverno eram incomparáveis, a sopa que minha mãe fazia era simplesmente perfeita. À tarde, fazia aulas complementares estudando inglês e aprendendo a tocar guitarra. Estava me preparando para uma apresentação para a qual estava muito empolgado. Tocar na frente de todo pessoal em um colégio da cidade era muito emocionante e por mais nervoso que eu sei que eu estaria eu não via a hora de estar lá em cima. Todos os meus amigos estariam lá.

À noite eu e meus amigos treinávamos com nosso time de voleibol, uma das coisas que mais amava na terra, via aquele time jogando junto, nem éramos tão

bons assim, mas aqueles treinos mudaram nossas vidas, novos amigos e experiências.

Todo treino no frio do ginásio durante o inverno era impossível não sair com os braços vermelhos e os dedos doendo. A cada batida na bola com um dedo mal colocado a dor era horrível, mas a preparação para o campeonato me deixava focado no meu objetivo e qualquer dor era passageira se conseguíssemos o que queríamos. O treino terminava com todos muito cansados, guardar os materiais, fechar o ginásio com aquele cheiro de pó, como era bom...

Chegando em casa a janta estava pronta sempre ovos com queijo ou algo assim, às vezes o que sobrava do almoço, mas não importava, qualquer coisa era perfeito depois de um treino de três horas e eu faminto.

Já era perto das dez horas da noite, ia descansar, a segunda-feira tinha sido extremamente cansativa, porém significativa. Estava me preparando pra tantas coisas que nem me dava conta. E o dia acabava, ligava minha playlist com as músicas das quais eu gostava e assim me acalmava até dormir.

Mais um dia chegava e a rotina ia ser a mesma, mas aquele ia ser especial, era o dia que eu entrava em quadra com os meus amigos. O grande jogo para o qual treinávamos há quatro meses. Aquele frio na barriga, aquele medo de errar, mas estávamos lá, jogando no colégio adversário, com as arquibancadas lotadas, todos torcendo para a casa. Os dois times estavam nervosos, é normal, ainda mais em um jogo como esse. Tudo fugia da cabeça quando fazíamos aquele círculo com todas as mãos umas em cima das outras e fazíamos o grito de guerra. O nosso técnico gritava: QUEM NOS PROTEGE? E todos nós respondíamos: Jesus! E por três vezes seguidas a mesma coisa, saímos todos comemorando e batendo palmas, a nossa torcida de 15 pessoas gritava junto.

Um, dois, três, quatro, cinco, isso mesmo cinco sets, estávamos exaustos, sem time reserva, cabia somente a nós continuarmos. Faltava 1 ponto para nosso time e 2 para eles, aí seria a vitória.

A bola estava em jogo, a cada toque na bola ficávamos mais ansiosos para ver quem cederia primeiro, até que a bola veio para mim, era minha vez, nosso levantador tinha levantado a bola para mim, a ansiedade deixava a mente livre de qualquer pensamento ruim, saltei, e aos três metros e trinta centímetros de altura...

Ouviu-se um estouro e a bola passou por cima do bloqueio inimigo, o ponto foi nosso, o jogo havia acabado.

A vibração que todos sentiram, nossos amigos assistindo à partida... Foi incrível e inexplicável, o ouro era nosso. Nosso professor e técnico gritavam de felicidade, todos nos cumprimentamos e parabenizamos o time adversário, eram todos nossos amigos também.

Era o final daquela tarde e reunidos fomos a nossa lanchonete preferida comemorar a vitória. Todos com aquele sorriso estampado. Que dia foi aquele, eu dizia...

Deixamos todos em casa e eu e meu amigo, que éramos vizinhos, voltamos juntos, por último, e não parávamos de falar sobre o que tínhamos feito e torcendo para as próximas vitórias.

Chegar em casa e ganhar um abraço de meu pai e um parabéns da minha mãe foi muito bom. Durante o banho, pensei que havia sido incrível, tínhamos construído aquilo tudo, cada treino, cada tempo dedicado, cada risada, cada dedo machucado foram recompensados.

Estava muito cansado, mesmo assim não conseguia dormir tamanha a euforia. Mais tarde recebia mensagem no meu celular de alguns amigos me parabenizando pelo jogo, a sensação de dever cumprido era incrível.

Agora o próximo desafio, subir no palco e fazer a melhor apresentação que já tinha feito, pena que eu não sabia disso ainda.

Acordei cedo sem aguentar a ansiedade, passei minha camisa, tirei todo grão de poeira que havia na guitarra. A hora chegou, a minha música era a última, a que fecharia o dia.

Guitarra nos braços lá estava eu subindo as escadas, dava para ver todo mundo lá de cima, todos os meus amigos estavam vendo, aplaudindo antes mesmo de eu tocar.

A bateria marcava o tempo e o show começou fazia um ano que eu ensaiava aquela música, confesso que demorou pra aprender, mas naquele palco o show era meu, eu era o guitarrista principal. Tive medo de errar o solo da música, no entanto nada deu errado, o solo saiu perfeito e, na última nota da música, olho pra frente lá estavam todos eles aplaudindo em pé, que coisa maravilhosa

Dentre todos estava ela... Eu mal podia esperar o que ia acontecer depois que descesse daquele palco. Eu já gostava muito dela e, naquela noite, alguma coisa a fez gostar de mim também.

Talvez pela música, talvez pela apresentação, não sei bem ainda, mas por alguns longos minutos ela esteve nos meus braços.

O que era aquilo? Era tudo tão bom... Fomos à lanchonete depois da apresentação e sair com ela, conversar, olhar para ela... Foi incrível.

Depois que deixei ela em casa e todos os outros também, na volta para casa, só eu e meu amigo falávamos daquele dia, de tudo que aconteceu.

Em casa, mais uma vez os parabéns vindos de meus pais, e quando contei da menina, acho que nunca os vi tão felizes comigo. Enquanto tomava banho, olhando para o vazio me pegava pensando o que ia acontecer a partir daquela noite. Na cama, sem conseguir dormir, só pensava que eu ia vê-la no dia seguinte. E seria incrível!

Agora eu sabia que aquele inverno tinha ficado na minha memória.

Superação

Thiago Lemos Godoy

Fala aí, tudo certo? Sou Jorge, tenho 25 anos, nunca fiz faculdade e nem consegui o melhor dos empregos. Hoje eu sou mecânico, moro no Rio de Janeiro, em um apartamento pequeno, com minha mãe e minha irmã mais nova. Em meio a tantos problemas, a única coisa que eu não fiz, foi desistir. A história de como eu cheguei aqui é quase como um filme.

Quando eu tinha 14 anos, meu pai abandonou-nos. Ele deixou a mim e a minha mãe, que estava grávida da Flora. Ficamos sozinhos em uma das favelas mais perigosas de São Paulo. Eu estudava em um colégio público que ficava a alguns metros da comunidade. A escola era bem simples e só tinha uns cinco professores.

Um dia quando eu estava voltando da aula, alguns moleques tentaram me roubar, então sai correndo tentando fugir. Ao correr entrei em uma rua que nunca tinha passado e me escondi dentro de uma oficina velha. Os moleques tinham me perdido.

Quando estava lá dentro me deparei com um Opala muito bonito, que estava em pedaços. O dono da oficina chegou brigando comigo e perguntando o que eu estava fazendo lá dentro, então expliquei o que tinha acontecido. Depois que ele entendeu, perguntei sobre o carro e ele disse que ia ser muito difícil arrumar, pois precisava de ajuda, mas não tinha funcionários. Eu já tinha uma inexplicável paixão por carros e, olhando aquele opala, fiquei impressionado. Falei que estava disposto a ajudar. Carlos, o dono da oficina, falou que ia pensar. Fui para casa e conversei com minha mãe, no meio da conversa ela falou que o dono da oficina era muito conhecido e muito respeitado na comunidade. Ela me deixou ajudá-lo.

Assim, eu passei a visitar a oficina de vez em quando, normalmente quando saía da escola. Eu costumava ir até lá para ficar olhando seu Carlos arrumar os carros e, de vez em quando, ajudava um pouco também. Eu realmente gostava daquilo. E assim eu fiz por quatro anos. Quando terminei o ensino médio e decidi que ia trabalhar com o seu Carlos.

Sobre aquele Opala, nesse mesmo ano em que me formei, estávamos quase terminando o carro, e sim, eu sei que demoramos quatro anos pra deixar aquele

carro pronto, mas é porque aquilo não era só um carro, era o sonho do seu Carlos, viajar mundo afora no seu Opala turbinado.

Um dia, quando estávamos arrumando alguns carros, ouvimos um foguete estourando e isso nunca quer dizer coisa boa. Uma galera passou correndo. Era o que a gente imaginava. A polícia tinha entrado no morro e começaram a trocar tiros com os traficantes. Aquilo estava acontecendo com muita frequência e o problema era que a oficina ficava em uma das ruas menos movimentadas da comunidade que se ligava com a entrada do morro, e era uma das principais rotas da polícia.

Eu e o seu Carlos corremos pra nos esconder. Os tiros iam pra todos os lados, e claro, muitas balas entraram nas paredes da oficina. Seu Carlos foi fechar a porta, mas não esperava pelo pior. Uma daquelas balas, que pareciam marteladas no meu ouvido, furaram a porta da garagem acertaram o seu Carlos. Foi um choque. Eu e ele ali... E ele no chão. A bala perfurou o abdômen e seu Carlos não resistiu.

Foi o pior dia não só da minha vida, mas da filha dele também, que tinha acabado de se formar em Direito e ia garantir para ele a vida que ele merecia. Todo o morro ficou em luto pela morte do seu Carlos. O problema aqui é que se fosse um morador qualquer, os donos do morro não iam se importar, mas o problema aqui é que o seu Carlos, era um dos mais antigos moradores da comunidade. Ele viu o morro crescer, ajudou muita gente, com reparos totalmente gratuitos e vários outros serviços.

Os traficantes juraram que a polícia nunca mais ia subir no morro e eu jurei que ia cuidar da oficina dele do jeito que ele fazia. Os donos do morro estavam me dando muita moral por ter assumido tal responsabilidade. Minha mãe estava feliz porque eu tinha um emprego, com o dinheiro da oficina, juntando com o do trabalho da minha mãe, dava pra ficar muito bem, tendo exatamente o necessário, sem faltar e nem sobrar.

Aquele Opala ainda era a coisa mais importante de toda essa história, porque aquele carro iria imortalizar a vida do seu Carlos e seria uma forma de honrá-lo. Acho que a maior ironia aqui é que o seu Carlos nem chegou a andar no Opala.

O carro ficou pronto e eu tive que experimentar... Na cidade ele andava bem, chamava atenção pelo seu barulho de um motor 6 canecos com 200 cavalos de potência e sua cor verde escura, quase como um preto, mas ao refletir na luz do sol, ficava metálico e muito bonito. O problema é que na BR, ele não corria muito,

porque várias peças do motor estavam velhas, e assim, voltei a trabalhar mais nele, com a ajuda da internet, descobri vários jeitos de deixar e aquele carro cada vez melhor e mais especial.

Após um certo tempo, trabalhando em vários outros carros além do Opala, acabei sendo chamado para participar de um encontro de carros. Realmente, eu não tinha nenhum motivo para ir a um desses eventos, até me falarem sobre corridas noturnas, que pagavam um dinheiro muito bom. O dinheiro da oficina era bom, mas a curiosidade falou mais alto e decidi participar.

Dirigi por 50 quilômetros até um local fora da cidade, e quando cheguei, vi que ninguém estava lá de brincadeira, mas sim porque queriam ganhar o dinheiro, mas isso não me intimidou, e parti para a ação. Dentre tantos carros que eu poderia ter corrido contra, acabei levando a sorte grande porque os carros dos meus três oponentes não pareciam tão bons, mas eu só teria certeza disso quando nós estivéssemos na pista.

Naquela largada, minha adrenalina estava a mil e a única coisa que eu conseguia pensar era no Seu Carlos, se ele estaria orgulhoso de mim por colocar o nosso Opala à prova e saber se ele finalmente estava pronto para viajar mundo afora. Acabei me distraíndo com os pensamentos e só voltei a prestar atenção na corrida no exato momento da largada. Pisei fundo, sempre controlando o giro do motor para o carro não sair de lado, e então, lá estava eu, do lado de outras três pessoas correndo em BR. Por incrível que parece, o Opala estava se saindo muito bem, não muito longe da saída, ultrapassei dois dos oponentes e estava logo atrás do outro. Estava realmente muito acirrada a disputa e como não tinha tráfego por ser madrugada, fazíamos as curvas indo de uma mão para a outra.

Na metade do caminho, senti que algo ruim ia acontecer e eu não estava errado, uma viatura da polícia surgiu da escuridão e começou a nos perseguir. Os outros dois corredores que estavam atrás conseguiram fugir, mas eu e o primeiro colocado não tivemos essa sorte. Em um momento de desespero, puxei o freio de mão, desistindo da corrida e jogando o carro de lado em uma curva para despistar a polícia, mas, eles foram atrás de mim, e assim, decidi que não ia entregar o carro dos sonhos do Seu Carlos sem lutar. Jogava o carro por becos e vielas, mas a polícia não desistia, até que como em uma cena de filme, fiz uma curva a 130 por

hora, e a polícia não conseguiu me acompanhar, capotando e ficando para trás. Nesse momento, achei que tudo estava resolvido, até outra viatura surgir e acertar em cheio a minha porta esquerda, destruindo o Opala. Eu estava machucado, mas consegui fugir e, enquanto corria, comecei a chorar, pois sabia que havia destruído o sonho do Seu Carlos.

Eu estava realmente arrependido, mas depois de 10 meses, consegui um carro que parecia muito com o Opala, e decidi levá-lo para correr. Particpei de muitas outras corridas e fugi da polícia várias vezes, mas nada era igual sem aquele Opala. Então, uma última vez, decidi correr. Eram 4 horas da manhã, tudo estava muito quieto, até o ronco de vários carros tunados começarem a soar e o cheiro da gasolina se expandir pelas ruas da cidade.

A corrida era no mesmo trajeto que a do acidente e assim, fiquei mais confiante por conhecer todas as curvas até a metade do caminho. Então foi dada a largada, minha cabeça estava focada na corrida, eu trocava de marcha com tanto foco, que quase rachava a caixa de câmbio, mas exatamente no mesmo local da última vez, uma viatura surgiu em meio a escuridão e, do mesmo jeito, os dois carros que estavam atrás conseguiram fugir, mas dessa vez ia ser diferente, e eu não largaria a vitória.

Quando estava perto da linha de chegada, a polícia acabou ficando para trás, e em um momento de euforia, comecei a chorar novamente, mas dessa vez era de felicidade. Depois daquela corrida espetacular, um homem veio falar comigo, e me fez uma proposta irrecusável. A partir daquele dia, entrei para o mundo de corridas legais e profissionais com carros antigos e turbinados.

Fui me tornando um dos maiores corredores que esse mundo já viu. No final de tudo, se não fosse aquele Opala, nada disso seria possível, nunca poderia ter dado à minha mãe e à minha irmã a vida que elas mereciam, e nunca poderia ter me tornado o que sou hoje. Fiz tantas reformas naquela oficina, que realmente parecia um lugar novo, e comprei um carro zero quilômetro. Reformei aquele carro, deixando exatamente igual ao Opala do Seu Carlos. Quando saí para dar a primeira volta, percebi que ele sempre esteve comigo, e que se não fosse por ele, minha vida poderia ter sido muito pior.

Depois de algum tempo, mudei para onde estou hoje, cuido da minha mãe e irmã, e corro sempre que posso. Tudo isso, graças ao Seu Carlos, um homem simples e humilde que mudou a minha vida.

O dia em que eu morri

Verônica Della Giustina Felski

Vinte e um de agosto, era uma sexta-feira fria e chuvosa em São Paulo, onde nasci e moro até hoje. Na época eu era estudante de direito na Mackenzie. Meu nome Pedro Pozzi Junior, mesmo nome de meu pai, um homem que sempre batalhou muito e hoje é um dos maiores advogados de São Paulo. Ele também é a minha maior inspiração. Como de costume, ia todo dia de ônibus para a faculdade. Meu lugar favorito sempre foi o ônibus, pessoas indo, pessoas vindo, eu analisava cada face, cada expressão, cada sentimento, e imaginava a vida de cada um.

Naquele dia, o ônibus estava relativamente vazio, um casal de idosos estava sentado nos primeiros bancos. Mais atrás, um homem jovem, vestido elegantemente com um terno preto. Mas quem mais me chamou a atenção, foi uma garota, sentada no penúltimo banco, ela tinha cabelos pretos, uma pele branca que parecia que nunca tinha visto a luz do sol, estava olhando atentamente para a rua. Eu me sentei na fileira de bancos oposta à da menina. Não conseguia tirar meus olhos dela, o que ela estava indo fazer? Estudar? Trabalhar? Visitar algum amigo? Ou até mesmo um namorado. Pela primeira vez, eu senti a necessidade de descobrir.

Enquanto eu a analisava, vi uma pequena lágrima escorrer pelas suas bochechas, o que alimentou a curiosidade de descobrir mais sobre ela. A menina estava tão concentrada olhando para fora, que nem percebeu a minha presença. Duas paradas depois ela desceu, e eu, não consegui dizer sequer uma palavra.

O dia passou rapidamente, mas a menina dos cabelos negros não saiu da minha cabeça. Voltei para casa no final da tarde, tomei um banho, me arrumei e perto de meia noite meus amigos passaram me buscar para mais uma sexta-feira de festas, garotas e bebidas nas melhores baladas de São Paulo. O final de semana foi assim, nada fora do comum, mas a menina estava em cada pensamento meu.

Na segunda-feira, a rotina volta ao normal. Entro no ônibus como de costume. Sento no último banco do ônibus, coloco meus fones de ouvido e olho atentamente para a rua. Depois de alguns minutos sinto que tem alguém me olhando, aquela sensação de que nós estamos sendo observados e quem nos avisa é o sexto sentido. E, ao olhar para o lado, era ela, a menina dos cabelos

pretos e da pele branca, que eu havia visto na sexta-feira, quem estava me olhando. Ela estava mais linda ainda naquela manhã, seus cabelos levemente ondulados e brilhantes, presos por uma tiara de veludo vermelho, e com um sorriso no rosto, que contagiava qualquer um.

Parecia que ela queria puxar conversa comigo, mas o que eu iria falar? A única coisa que me veio em mente foi elogiar a sua tiara, que era muito bonita e combinava com a cor do seu cabelo. Ela riu. Meu coração disparou.

Essa foi a primeira vez que trocamos palavras. Nas semanas seguintes, todo dia, a mesma coisa, eu me sentava ao seu lado e conversávamos sobre coisas diversas, mas nunca um sobre o outro. Então eu percebi que não sabia nada sobre ela, apenas o seu nome, Sara Lancaster.

E o tempo passava... Mais uma segunda-feira, porém aquela era diferente, eu estava disposto a descobrir mais sobre aquela menina que me encantava a cada dia. Quando entrei no ônibus naquela manhã, fixei meus olhos diretamente para o lugar de Sara, no entanto ela não estava lá, meus ombros caíram e meu coração acelerou, o que aconteceu com ela? Pensei, amanhã eu falo com ela, fiquei semanas conversando sem saber nada sobre aquela menina, não ia ser um dia que me deixaria apreensivo. Mas aquela segunda-feira foi diferente, meu dia passou devagar e tudo o que eu tentava fazer, falhava.

Terça-feira, dia quinze de setembro, era uma manhã fria, porém com um sol radiante no céu, radiante assim como o sorriso dela, e eu estava disposto a falar isso para ela, abrir meu coração, algo que eu não fazia há muito tempo. Mas isso não aconteceu.

Acordei com a ligação de uma mulher que se dizia amiga e que dividia apartamento com a Sara. Seu nome era Helena. Ela estava com uma voz triste, parecia que tinha chorado a noite inteira. Nós conversamos pelo telefone, então ela me disse: “a Sara morreu”, meu coração parece que parou, eu não escutei mais nada depois disso, o que aconteceu? Não pode ser verdade, sexta-feira nós estávamos conversando, ela estava mais radiante do que nunca, ela não pode ter morrido.

Eu demorei para absorver aquelas palavras e, quando entendi, desliguei o telefone. Como que isso aconteceu? Eu não sabia nada além de seu nome.

Algumas horas de passaram e eu retornei à ligação. Helena me contou tudo. Ela havia saído na segunda-feira para ir ao ponto de ônibus como de costume, mas quando atravessou a rua, um motorista bêbado não a viu, foi ali que a sua vida acabou. Helena me contou o tanto que Sara falava “do homem mais encantador que ela já conheceu”, mas ela só sabia o meu nome, Pedro Pozzi. Naquela segunda-feira, ela estava disposta a descobrir mais sobre mim, assim como eu. Helena passou a manhã inteira procurando meu número de telefone, para poder me contar.

Após isso, eu e Helena ficamos próximos, decidi descobrir mais sobre Sara. A menina que era apaixonada pela arte, estudava artes cênicas na USP e sempre sonhou em ser curadora do Louvre. Uma menina que sonhava, era querida por todos, e que não parava de falar de mim para a sua colega de apartamento.

Eu nunca mais fui o mesmo, como se eu tivesse morrido também naquela manhã. Terminei o curso de Direito, me tornei o melhor advogado criminalista de São Paulo, mas meu coração, nunca mais se abriu novamente.

Um crime, uma vingança

Vitor Carlesso Samistraro

Nossa história começa em um pequeno vilarejo chamado Rhodes, que se localizava no extremo oeste americano, uma cidade que durante o dia era morta. Seus habitantes eram alguns poucos trabalhadores e agricultores que viviam da plantação de tabaco e da criação poucas cabeças de gado. A outra parte da população eram mulheres donas de casa ou homens bêbados que passavam o seus dias afogados no whisky.

À noite era muito diferente, pois ali existia um grande e famoso bordel, mulheres e bebidas à vontade. Sem dúvida o maior estabelecimento da cidade, isso chamava a atenção de muitos homens de todo lugar que iam para Rhodes para frequentar o bordel. Diversas garotas, para todos os gostos, estavam lá com um único propósito: tomar todo o dinheiro dos bêbados.

O bordel era um lugar escuro, uma casa grande, com um bar, diversos quartos e, no meio do salão, existia um pole dance. Rose de Cimarron, a dona do bordel, uma mulher um tanto quanto peculiar, fechada, sem amigos, era muito rica talvez a pessoa mais rica daquela cidade, andava sempre muito elegante com o nariz empinado. Mas nem sempre ela foi assim, muitos anos atrás ela chegou à cidade sem nada, sem nem uma muda de roupa sequer, começou a trabalhar como meretriz e sozinha ela reformou o salão onde hoje é o bordel e construiu uma fortuna embebedando homens e destruindo casamentos.

Muitas vezes o bordel era frequentado por foras da lei e homens em busca de confusão. O responsável por manter a lei e a ordem nessa cidade se chamava Charles Goodnight, o xerife, um homem de meia idade respeitado por todos na cidade e na região, era famoso por seu bigode grisalho e por ser um dos gatilhos mais rápidos do oeste. Nunca se avistava Charles sem o seu Colt .38 era uma bela arma do cabo preto e que nunca falhava quando era preciso.

Em uma noite escura de lua nova, o ajudante do xerife chamado Beull, um bom homem, corajoso, porém bêbado, estava no bordel de Rose, afogando suas mágoas num copo de Bourbon. Quando em um deslumbre de sobriedade Beull avista Roy Goode, um famoso ladrão de gado procurado por todo território americano. Um homem jovem, porém muito desonrado. Já havia matado mais homens do que ele próprio podia contar. Roy estava sozinho, uma coisa estranha,

pois por onde ele andasse, seu bando estava sempre junto. Mas o mais estranho é que Roy entra no quarto da madame Rose carregando uma mala de garupa que parecia estar cheia.

Passam-se apenas alguns minutos e o fora da lei sai pra fora do bordel, monta em seu cavalo preto como a noite e vai embora. Beull, apesar de ter bebido quase a garrafa inteira de whisky, pensou “tenho que avisar isso ao xerife”, então o bêbado paga a conta e vai até a casa do xerife. Charles sai de pijama, porém com o bom e velho. 38 na cintura e diz:

- Mas que inferno, o que você quer a uma hora dessas? - diz Charles com uma cara de bravo.

- Xerife, eu acabei de ver o temido Roy Goode no saloom! Ele estava conversando com madame Rose - diz Beull assustado ao xerife.

- Oras homem! Você está fedendo à bebida. Deve estar tendo alucinações.

- Não xerife. Eu tenho certeza que o vi. Estava segurando uma bolsa cheia e entregou-ano quarto da madame. - afirma o bêbado.

- Então, amanhã pela manhã, iremos investigar isso. E, por favor, mantenha-se sóbrio.

No outro dia, a primeira coisa que o xerife fez foi ir até o bordel. Entrando lá, estava somente James Morgan, era quem cuidava do bar e do caixa do lugar e era exatamente isso que Charles queria, pois sabia que James era um covarde e não seria muito difícil fazê-lo abrir a boca, então o xerife diz:

- Bom dia - com a cara fechada.

- Bom dia, xerife. Em que posso ajudá-lo?

- Eu fiquei sabendo que vocês tiveram um cliente famoso no bordel ontem à noite.

- Famoso? Não sei de quem o senhor está falando xerife - diz James com cara de preocupado.

-Você sabe muito bem de quem eu estou falando. Roy Goode esteve aqui ontem à noite. E eu quero saber o que ele veio fazer aqui. Se você me contar de boa vontade eu faço o favor de não te prender - diz o xerife com a mão apoiada em seu revólver.

-Xerife, eu não quero ter problemas com minha patroa. Não é a primeira vez que ele vem falar com Rose. Eu sei que ela tem negócios com ele, é apenas isso que eu sei, eu juro – diz o homem com medo do xerife.

Então se pergunta o xerife “mas que diabos de negócios teriam um ladrão de gado e uma dona de bordel?”. Ele sai do local pensando nisso. Ao chegar na delegacia, Beull lhe conta a notícia que acabava de chegar da cidade vizinha: todo o rebanho de gado de Frank Griffin havia sido roubado. Frank era o maior pecuarista da cidade de Saint Denise e de toda região. Um homem muito rico, famoso por seus vícios em mulheres, bebidas e apostas no poker. Era um tanto arrogante e nada simpático não tratava bem nenhuma das mulheres com quem se relacionava e era pior ainda com seus funcionários.

A suspeita era que o gado havia sido levado pelo temido Roy Goode. Isso pela agilidade com que o furto havia ocorrido. Parecia que o rebanho havia sumido em um piscar de olhos. O xerife olhou para Beull e disse:

- Seja lá o que esteja acontecendo, o roubo desse gado está relacionado com a vinda de Roy até Rhodes ontem.

- O que faremos agora, xerife? – Pergunta Beull.

- Iremos até Saint Denise falar com esse tal Frank Griffin e tentar descobrir qual a relação entre os fatos.

O xerife sai e monta em seu cavalo, um belo animal, enquanto Charles monta em seu baio Palomino, um lindo animal e um verdadeiro companheiro. Xerife e seu ajudante saem em direção a Saint Denise e vão diretamente até à fazenda de Frank. Chegando lá, avistam o homem andando de um lado ao outro e gritando com seus funcionários.

- Boa tarde, Sr.Griffin – diz o xerife.

- Oras, mais um xerife aqui. Aquele imprestável do xerife da cidade não deu conta de fazer o serviço sozinho? – diz Frank com mau humor.

- Não é isso senhor. Ontem à noite acredito que o ladrão do seu gado foi avistado na minha cidade e parece que ele mantém negócios com a dona do bordel. O senhor saberia me dizer se conhece Rose de Cimarron?

- E porque eu conheceria uma prostituta, dona de bordel?

- Então não sabe me dizer se Rose teria interesse no roubo do seu rebanho?

- E como é que eu vou saber disso? – diz Frank em um tom arrogante

O xerife se despede e pensa “este homem está escondendo alguma coisa”. Chama seu ajudante, saem da propriedade de Frank e vão em direção à cidade de Saint Denise. Já na cidade, o xerife resolve parar no bar para ver se descobre alguma nova informação. Os donos de bares são muito conhecidos por saberem de tudo que acontece na cidade. Charles entra no cabaré pede um copo de whisky, e pergunta ao garçom:

- O senhor conhece Frank Griffin?
- Sim, claro que conheço aquele velho arrogante – diz o homem.
- Alguma mulher teria algo contra o Sr.Griffin? – pergunta o xerife.
- Várias! Ele é muito conhecido por maltratar as mulheres que possui.

Algumas o odeiam. Frank era casado com uma mulher chamada Mary. Ele era extremamente cruel com ela. Um dia ele a flagrou com um de seus funcionários, deu uma surra nela com um chicote e a mandou embora de casa sem nada. A mulher jurou que um dia iria se vingar.

O xerife agradece o homem pela informação e pensa “Essa Mary pode ser a mesma mulher que Rose, ela pode ter trocado de nome e aberto um bordel, agora que arrumou dinheiro decidiu se vingar do ex marido”. Rapidamente Charles chama Beull e voltam correndo até Rhodes, chegando lá o ajudante pergunta:

- O que faremos agora xerife?
- Vamos ao bordel tirar essa história a limpo com madame Rose.

Já era noite quando eles chegam e vão até o bordel. Charles enxerga Rose e vai falar com ela. Ao ver o xerife, a madame diz:

- Xerife, que surpresa você por aqui, o que deseja?
- Olá Rose, ou será que devo te chamar pelo nome verdadeiro Mary Griffin? –

diz o xerife com uma risada no rosto.

Rose convida o xerife para ir conversar em um lugar mais reservado. Os dois vão até o quarto dela e o xerife diz:

- Já sei de tudo. Você era casada com Frank e prometeu se vingar, então contratou Roy Goode para roubar o gado do seu ex-marido.

- Nossa xerife, você é muito esperto não é? – diz Rose com sarcasmo – pena que vai morrer agora.

Quando Rose vai pegar a arma escondida em seu vestido, antes mesmo que ela conseguisse empunhá-la, o xerife Charles saca seu 38 e em um piscar de olhos

baleia Rose no coração. Charles encontra metade do dinheiro da venda do gado escondido embaixo da cama dela, infelizmente Roy Goode fugiu com a outra parte do dinheiro e nunca mais foi visto.

O Xerife devolveu o dinheiro que restou a Frank Griffin e continuou a cuidar da cidade que teve a sua paz restaurada, sem a administração de Rose, o grande e famoso bordel acabou falindo e fechando.

Valeu a pena?

João Felipe Demeneck Belen

E lá estava, mais um dia como qualquer outro, em sua frente apenas uma meta, ter uma vida e conseguir alcançar seus objetivos, todo dia a mesma rotina, acordava logo cedo, preparava um bom café da manhã e ia para o trabalho. Fazia tudo, trabalhava feito louco das oito horas da manhã até às dez horas da noite, e todo esse esforço para quê?

Com essa rotina, seguiu a vida por 20 anos, porém lá estava ele, aos 57 anos sem uma família, sem um emprego, apenas recebendo a aposentadoria e desfrutando dos bens que adquiriu em todos esses anos de profissão. Todo esse esforço para quê? De sua vida não vai levar nada e de seu nome ninguém mais lembrará.

E lá se foram mais 10 anos da vida do seu Davi Oliveira Prestes, por conta da idade sofre com grandes dificuldades para se locomover, fica dia após dia envelhecendo deitado em sua cama aos cuidados de um enfermeiro, apenas em alguns dias, tem forças para se levantar da cama e ir desfrutar um pouco da vista de seu apartamento.

Até que em um momento de sua vida, seu Davi decide contar sua história para o enfermeiro, que o acompanhava em grande parte dos seus dias...

- E aqui estou, trabalhei feito um louco durante grande parte da minha vida, para agora estar aqui, trancado em um apartamento envelhecendo aos poucos, vendo tudo que fiz indo por água abaixo, e você rapaz, conte-me um pouco de você.

- Então seu Davi, atualmente curso enfermagem na UFRJ, porém em grande parte de meu tempo estou cuidando de idosos, dessa maneira consigo pagar minha faculdade e seguir com meu curso.

- E sobre sua família, conte-me um pouco...

- Minha mãe trabalhou grande parte da vida como diarista na casa de um homem muito rico, mas ela acabou falecendo esse ano, então prefiro não falar muito sobre ela.

- E seu pai garoto, chegou de conhecer?

- Pelo que minha mãe contava, meu pai era um homem muito compromissado, não cheguei de conhecê-lo, mas espero um dia poder encontrá-lo

E lá se foram horas de conversa entre os dois, seu Davi ficou emocionado com a história do rapaz, e, como nunca tinha feito antes, decidiu levantar da cama e ir à beira da praia, sentir um pouco da brisa e desfrutar da bela vista. Lá estavam os dois, sentados em um banco trocando ideias. Seu Davi decide ir para casa, levanta-se do banco e vai atravessar a rua, enquanto isso o rapaz paga a conta do quiosque no qual eles tinham ficado.

O garoto acerta as contas no local e quando se vira, onde estava seu Davi?

Em um breve intervalo de tempo ao olhar para a calçada, enxerga-o, indo até a faixa para atravessar, neste momento o rapaz entra em pânico e corre na direção dele...

O carro, a buzina, a escuridão... Seu Davi acorda em meio ao caos na rua, ainda muito atordoado enxerga apenas alguns borrões, momentos depois as imagens começam a clarear na cabeça dele, e, lá estava o pobre rapaz atirado na rua, morto.

Ele estava, simplesmente muito abalado, sentado na beira da rua, chorando aos prantos, até que chega uma moça, senta ao lado de seu Davi e o pergunta...

- Boa tarde, sei o quão difícil é a situação que o senhor está passando, mas preciso fazer meu trabalho e dirigir algumas perguntas ao senhor...

- Qual era sua relação com o Gabriel Medeiro Prestes?

Ao ouvir o nome e o sobrenome do seu próprio enfermeiro, a palidez do rosto e as lágrimas falam ainda mais alto...

- Não seria possível! Não é possível! mas parecia que a vida havia lhe pregado uma peça...

Depois de ser atendido pelos socorristas, seu Davi foi para casa e sentou em sua mesa da cozinha e começou a relacionar a vida do pobre garoto, com sua vida, e lá ficou ele, durante várias horas, inconformado com a situação que estava

acontecendo. Seu Davi teve apenas uma namorada em sua vida, a qual se relacionou poucas vezes, pois a moça trabalhava em sua casa, e, ele como era uma pessoa muito focada do seu trabalho, manteve isso em segredo.

Ao ligar os pontos, entendeu que a vida era mesmo cheia de surpresas. O pobre garoto era filho dele com a tal moça que trabalhou em sua casa. Ela não queria atrapalhar a carreira dele, escondeu o filho e foi morar em outra cidade. Neste momento a vida de seu Davi perde total sentido e ele desmorona no chão, e, lá se vai a história de um grande homem, que valorizou tanto a sua carreira profissional que acabou esquecendo de viver.

E a pergunta fica no ar. Valeu a pena?

Julho gelado

Katia Cristina Schuhmann Zilio

Sentada na mesma cadeira, observava o gato miar. Ele sempre vinha à mesma hora. Era um relógio. O único da casa. Era hora e ela sabia. Levantou-se e fingiu que a normalidade voltara. Não era verdade, pois o dia ainda estava no meio e não havia feito nada. Copos e pratos aguardavam na pia. Na cadeira jazia o casaco, seu companheiro dos dias. Todos? Sim, todos os dias casaco, copos e pratos jaziam cada um no seu espaço.

A casa de madeira era velha, mas não tão velha como a vontade de ficar sentada para sempre. Não havia vontade, nem espaço para um querer diferente.

O sol não entrava pela janela fazia um bom tempo. Não havia sol para todas as janelas daquela casa e daquela vida. Portas e janelas trancadas assim como a vida de Ana. Trancafiada na casa como alguém que morrera, a casa era seu túmulo. Morrera para a vida? Que contradição.

Ana não foi sempre assim. Era uma mulher forte e dedicada à vida e ao trabalho. Estudava enfermagem e tinha amor pelos pacientes que cuidava. Trabalhava no hospital e morava com sua mãe. Filha única, não conhecera o pai, mas sabia do sacrifício da mãe para criá-la e educá-la. Nunca pergantara sobre o pai, não sabia nada sobre ele.

O estudo e o trabalho consumiam seu tempo e sua energia, não tinha tempo para ficar pensando no passado e nem queria, sempre fora muito animada e enchia os corredores do hospital com o seu sorriso.

Era julho, estava muito frio. Naquela noite, o plantão estava muito movimentado. O inverno deixava as pessoas muito sensíveis às síndromes respiratórias, principalmente as crianças. Ana atendia uma menina de três anos que tossia muito. A mãe da menina estava muito nervosa e insistia para que o atendimento fosse rápido. Ana ficou intrigada, mas realizou todos os procedimentos iniciais para encaminhar ao médico de plantão.

A entrada do homem foi muito barulhenta, procurava pela filha, logo Ana entendeu a preocupação da mãe da menina. O homem estava furioso e parecia fora de si. Correu até o balcão e tentou entrar porta adentro da enfermaria de emergência. Os seguranças o detiveram e ele teve que esperar.

Enquanto isso, lá dentro o médico diagnosticava pneumonia na pequena menina. Teriam que permanecer no hospital. A mãe chorava e dizia ser impossível, estavam fugindo do pai. Estavam se separando... Gritava com o médico e dizia que sairia dali o mais depressa possível. Queria só um remédio.

Enquanto isso, na sala de espera, o homem se impacientava e exigia entrar. A situação era muito complicada, mas Ana se manteve focada em tentar amenizar as consequências para a menina: conversava com ela baixinho e tentava desviar a atenção da pequena dos gritos de sua mãe. Logo o médico terminou e, diante da impaciência da mãe, receitou um antibiótico e liberou ambas.

Novo ruidoso farfalhar de vozes na sala de espera, o homem burlou a segurança e havia entrado. Queria ver a filha. Ambos, mulher e homem se encontram no corredor e diante da criança a discussão se acirra.

Nada é mais triste para um filho do que ver seus pais discutirem.

Ana retirou a menina do local e esperou que médicos e outros enfermeiros conseguissem resolver a situação dos dois.

Levara a menina para um quarto da emergência e conversava com ela sobre brinquedos e histórias. Era muito perspicaz a menina que logo indicou à Ana um livro, vários jogos e um programa de TV. Ana rira, como alguém tão pequeno pode ser tão inteligente? O corredor se acalmara e a mãe viera buscar a criança. Ana despediu-se e finalizou o atendimento.

A noite transcorrera sem maiores sobressaltos. encerrando o plantão, observou um homem na saída do prédio do hospital. Parecia conhecido, sim, era o pai da menina. Passou por ele que a interpelou:

-Você foi a enfermeira que cuidou da minha filha?

-Sim, aquela menina encantadora, sim, fui uma das responsáveis pelo atendimento. Aconteceu alguma coisa?

-Gostaria de agradecer a sensibilidade com ela ao retirá-la do corredor durante a discussão.

Ana ficara surpresa, ele parecia o vilão da história e agora, de um jeito diferente apresentava-se como um homem educado e sensível. Foi interessante trocar algumas palavras com alguém que valorizava ações como a que fizera hoje. Gostou de olhar no olho dele e sentir sua gratidão. Despediram-se e Ana seguiu para o descanso. pensou na surpresa do fim de noite e adormeceu sorrindo.

O dia amanheceu tarde para Ana que dormira a manhã toda, pois trabalhar à noite era mais lucrativo, porém o dia ficava pela metade... Um café, um beijo na sua mãe, um carinho no gato Sírio e uma olhadela na janela... Rotinas que amava. De repente a campainha e uma entrega. Flores? Como? Quem poderia enviar flores? O cartão estava assinado como Carlos, pai de Rosa, não demorou para Ana entender: eram flores que agradeciam o que havia feito ontem, eram do pai da menina.

Novo plantão, novos desafios e muito trabalho, a noite passara num piscar de olhos. Na saída, ele a esperava, conversaram um pouco e ele se apresentou como um pai amoroso de uma filha querida e uma mãe furiosa e desequilibrada. Realmente, Ana pensava que parecia isso mesmo. E, todas as noites, durante duas semanas, foram assim, ele esperava, conversavam um pouco e se despediam. Ana estava gostando disso. Esperava por ele com ansiedade na saída. Ao fim de duas semanas Ana teria folga, planejara fazer uma pequena viagem com sua mãe para o interior, visitar uma tia. Estava cansada dos plantões e seria bom sair um pouco. Lamentava por não vê-lo na saída do trabalho. Mas para sua surpresa, ele não aparecera naquela noite na qual contaria que estaria de folga e iria viajar. Bem, estava na hora, já agradecera o suficiente, pensara.

Saiu, seguiu a rotina, café, gato, mãe, janela... E viajou, passeou, descansou, mas nenhum momento deixou de pensar em Carlos... Estava gostando de um homem que conhecera em situação embaraçosa. Pensava em um homem mais velho, casado, mais vivido e, principalmente, muito sedutor.

A rotina fora retomada... Entre o hospital e a casa, pensava sempre que, ao final da noite de trabalho ele estaria na saída. Isso não acontecia mais.

A vida seguiu e, por meses ficara só a lembrança, até que uma noite, escura, chuvosa e fria, ele estava lá, esperando... Seu coração pulsava como nunca... O que era isso? Nunca tinha sentido tamanha ansiedade. O abraço foi inevitável. Conversas, risos, Ana falava sem parar e parecia que isso o deixava feliz.

O dia amanhecera e ambos estavam entrelaçados. Fora lindo o que acontecera. Ele e ela, juntos, esqueceram o mundo, os problemas o trabalho, a rotina... Ops esquecera de, pelo menos, telefonar para sua mãe, devia estar preocupada... Estava mesmo.

Quando chegou em casa Ana flutuava, sua mãe entendeu a situação assim que a viu, estava apaixonada. Torcia para que não fosse como acontecera com ela: muita paixão, desilusão e uma filha...

Ana estava cada vez mais envolvida, todos os dias se encontravam, abraços beijos, conversas, amar é isso. Era muito bom, não entendia como havia ficado tanto tempo sem se envolver com ninguém devia ser pelo medo que a própria mãe sempre tinha, pois constantemente falava de como sofrera com a desilusão. Mas isso não aconteceria com Ana, ele era experiente e já havia vivido as aventuras da vida, queria alguém para amar, ele dizia.

E assim os dias, os meses transcorreram... Já era hora de conversar sobre algo mais sério... Já era hora de conhecer a família, afinal estavam há muito tempo vivendo uma relação a dois e já haviam percebido que se amavam. O passado de Carlos, sua esposa, sua filha, ficaram para trás.

Mas havia a mãe de Ana que ainda não estava convencida de que era possível amar sem se machucar, porém reconhecia que Ana estava muito mais feliz e relembrou, com o brilho dos olhos da filha, o brilho que um dia teve nos seus olhos. Era uma menina quando se apaixonara, deixou de fazer todas as coisas de que gostava para viver esse amor, mas fora traída e nunca esqueceu. Tivera a filha e nunca revelara quem era o pai. Não importava... Antonio a traía, mas ele também era jovem, queria aventuras, somente ela o queria só para si. Antônio era o pai de Ana.

Chegou o dia... Ana preparava o jantar quando a campainha tocou. Tudo arrumado. Finalmente sua mãe e Carlos se conheceriam. Isso era importante!

Carlos entrou e um buquê de flores escondia o sorriso que se esvaiu em uma grande expressão de dor quando viu as duas mulheres, principalmente quando uma delas caiu desmaiada. Ana não entendera nada, pensou que era emoção, a mãe não acordava. Chamaram o socorro, parecia que não respondia a nenhum estímulo. Rumaram para o hospital... Era tarde. O coração a traía... De todas as mais abomináveis formas. Antes do último suspiro cochichou: seu pai... sua filha. Ana não entendera. Carlos, sim. E foi terrível!

O funeral foi triste, mas Ana contava com o ombro amigo de Carlos. Amigo, pois desde o triste jantar não havia mais aquele homem que a fazia feliz, estava sempre distante. Ana demorou para perceber que ele não era mais o mesmo.

Os dias eram tristes, sem a mãe e com o sumiço de Carlos, andava enjoada, passava mal a todo instante. Devia ser a tristeza... Mas não era. Estava grávida! Que notícia maravilhosa, diferente de sua mãe, Ana achava a gravidez uma bênção já que estava com o homem que amava. Logo que teve a confirmação ligou para Carlos... O quê? Filho? Está louca, só pode ser... Você não vê? Um filho com minha filha? Filho, filha? Do que falava Carlos? Ana não entendia...

E, como um flash lembrou da mãe moribunda dizendo pai e filha... Meu Deus! Esse homem é Carlos Antônio, meu pai era Antônio. Não pode ser... Ainda ao telefone escuta um disparo, um tiro seco e definitivo na peça que a vida pregara a todos... Ana desmaia.

Ao acordar, no hospital, soubera que tivera um aborto espontâneo, já não seria mãe. Não tinha mais a mãe, nem tinha mais amor. E a vida seguia escura como o inverno de sempre.

O vento estalava as paredes da casa, o gato miava e julho vinha gelado...